

atestado de quité, tendo a honra de vos in-
formar que tendes de saber fazer as imporbau-
cias relativas ás quotas dos meses de abril
e maio no valor de mil reis (1000 r.)

Seu o S.: A.: de U.: vos qj.: e il.:

O Secret.: — (a) Ribeiro, 18.:

N.º 113

A' Gl.: de S.: A.: de U.:

S.: F.: U.:

Nós o Ven.: DDig.: e Off.: de R.: Lj.:
Cap.: Pro-Veritade sob os Auspícios do G.:
Ar.: Lus.: Unido Sup.: Caus.: de Mac.:
Port.: concedemos o certificado de corrente
ao nosso Sr.: Belizario Diniz de Almeida
que foi desob. R.: Guadr.:

Bras.: em Lj.: Val.: de Coimbra, 27 de
Novembro de 1905 (e.: v.:)

(aa) O Ven.: Armando Augusto Real
Gonçalves, 29.: — Pelo 1.º Vig.: o 2.º Vig.: Bal-
azar de Almeida Teixeira, gr.: 7 — Pelo 2.º
Vig.: o 1.º Exp.: José Augusto Marques da
Silva, gr.: 18 — O Grad.: Gustaf Adolf Bergs-
tröm, 3.: — O Secret.: José Maria Ribeiro
18.: — Pelo Chanc.: [lugar do selo] José

Maris Ribeiro, 13.: — Pelo Tes.: José Jac-
quim Antão, gr.: 9.

{ D'marçem :) Salo Benef.: Mac.: — Gr.:
Or.: Lus.: Umido Sup.: Aus.: Mac.: Paripue-
ra — Decreto n.º 32 de 26 de junho de 1883 —
O Gr.: Tes.: — (a) Pelais, 33.:



Suplemento

Nota:

Depois de começar a copiar esta serie de documentos, appareceram-me outros que já não podiam ser copiados na sua altura. São a seguir, em supplemento, com um numero indicativo do lugar em que deveriam ^{ser} transcritos se tivessem vindo antes.

São quase todos da Loja: Liberdade, sob os auspícios do Gr.: Dr.: de Portugal.

Nº 114. (1)

Il. Ex. do S.º Il. do U.º
L.º E.º F.º

Sal.º de Coimbra - 23 de junho de 1901 (c.º v.º)

C.º e R.º Il.º (2)

Esta Loja tem o prazer de vos comunicar que fez incluir o vosso nome e os nomes daquelles que a vós o fizeram a sua instalação, no livro dos nossos Il.ºs Honorarios.

É uma prova singela mas indelével do muito que vos consideramos.

Pede-vos, pois, o favor de comunicar esta resolução aos PP.º e RR.º Il.ºs Ciffel e Keifer.

Enviemos-vos a copia da acta da instala-

(1) Serie nº. 22-B, a pag. 62.

(2) No livro de registo de correspondencia da Loja de onde este docum.º é copiado, não vejo indicado o Il.º para quem era dirigido, mas era para Sr.ºº Maria de Soveral, medico, ao tempo Sen.º da Loja Aliança de Coimbra e que muito fez pela instalação da Liberdade.

leção bem como os demais documentos e a copia da mesma peça :: de arquiv:: a que de-
reis o devido destino.

Pego-vos, finalmente, que manifesteis á Resp:: Lj:: aliança a nossa simpatia e as provas de nossa amizade.

Accitai, pois, G:: e M:: J:: o abraço pre-
terual que vob:: Lj:: vos envia e que o S:: M::
do U:: vos ajude e il::.

O Ven:: — (2) Barrois Malou, gr:: 5 — O
Secret:: — (2) Marquez de Pombal, gr:: 3.

Nº 115. (1)

N.º Gl:: do S:: M:: do U::
L:: G:: F::

Val:: de Coimbra — 2 de julho de 1761 (e:: v::)
Ao Gr:: Or:: de Portugal.

Gb:: e M:: J::

Bem a maior satisfação accusamos hoje a
recepção de vossa junch:: de 17 de junho p. p.
na qual nos daes a noticia de auctorização de
nossa instalação e do decreto nº. 6 de 21 do

(1) Nº 22-C.

mesmo mês e cujo conteúdo ficamos scientes e não nos esqueceremos de o tomar na devida consideração. Talvez extranhais, V. Ex. e RR. J. J.: o nosso silencio sobre o assumto da nossa instalação o que não admira atenta a demora; mas é nosso dever informar-vos de que ela teve lugar no dia 22 do mês passado com o ceremonial do estilo, tirando-se no dia seguinte a copia da acta e mais documentos precisos para vos enviar, por intermedio do nosso P. J.: Antonio Maria de Soveral o que até agora não podemos fazer porque este P. J.: teve de se retirar para a Beira Alta logo em seguida, não nos sendo ainda possível fazer-lhe a entrega do nosso processo de instalação.

Como a Constituição do nosso Gr.: Ar.: não nos indica a maneira como devemos fazer-nos representar perante o Congr.: Mac.: muito nos obsequiaes esclarecendo-nos sobre o numero de representantes que nos cumpre nomear ou eleger, e sobre a epocha normal da sua nomeação ou eleição afim de não deixarmos de cumprir este imperioso dever.

Recebei, pois, V. Ex. e RR. J. J.: as provas mais sinceras de nossa dedicação e eterno reconhecimento e que o S. A. do U. vos aj.: e il.:

O Veu.: — (e) José Maria Dias Ferrão —
 O Secre.: — (a) Francisco Marbini Gailo,
 gr.: 3º

Nº 116. ⁽¹⁾

N.º Gl.: do S.: N.: do U.:
 L.: B.: F.:

Val.: de Coimbra, 14 de novembro de 1861 (e. v.:)
 Ao Gr.: Dr.: de Barbugal.

Ob.: e MM.: Jh.:

Temos o prazer de vos comunicar que acabamos de levantar agora nossos o nosso templ.: com a decencia que é peculiar ás nossas limitadas forças e com a sumptuosidade que mais se aproxima das veneráveis formulas de liturgia suas.:

Decerto, Ob.: e MM.: Jh.: haveis de ter, com razão, extranhado o nosso tão prolongado silencio, após o inicio do presente anno lectivo o qual tem sido, na realidade, deveras para admirar. Mas, atenta as proximidades das ferias grandes e multi-

⁽¹⁾ N.º 22-D.

plicidade de Trab.: escolares, que se succediu
instauramente na época da nossa instalação
no ano lectivo passado, não tivemos tempo
de cuidar do nosso Templo: e da nossa orga-
nização interna de modo a poder funcio-
nar agora sem embaracos.

As nossas reuniões eram tumultua-
rias, faziam-se academicamente nos nos-
sos quartos de estudo e não havia maneira
de lhes dar outro caracter. Conhecendo pro-
reem que os processos de estabilidade, de vi-
da, de desenvolvimento e de progresso ma-
ximamente incombustivelmente uma boa organi-
zação interna dos diversos nucleos e um
Templo: decente e o mais proximo em har-
monia com o ritual, resolvemos não dis-
trairmos as nossas vistas para outro as-
punto enquanto não concluíssemos a nos-
sa obra. Hoje, porém, podemos dizer-vos
que o nosso Templo ainda não nos emvergo-
nharemos de receber qualquer visita de
ilustre e possuímos tambem já uma fer-
te coesão que nos anima ao trabalho e á
dedicação pela nossa Sup.: Ord.:

É por isso, o nosso primeiro cuidado
na presente conjuntura, é enviarmos já
a quantia de 35.100 rs. correspondente ao
preço dos Dipl.: do gr.: 3.º para os Th.:
Bakumina, Marquez de Pombal, Cesar, Leo

Talbot, Polespierre, Israël, Brotero, Joubert, Kepler, Affonso de Albuquerque, e dos gr.: 5.º para os Th.: Malou, Jacques Freire e Nun' Alvares.

Ficam faltando as imperiaucias dos dipl.: dos Th.: List e Conde d'Orby q se encontram actualmente fora do val.: esferendo em breve enviar-vos esse imperiaucias.

Na quantia supra-mencionada não são incluídas as capitacões dos meses de junho (em que principiámos a funcionar regularmente) agosto, setembro e outubro. Esta quantia de 35.100 rs. vai auctante ser enviada ao nosso C.: Th.: Belisario Pinheiro que se encontra na Escola do Exército onde anda tirando o curso de infanteria para, no mais curto prazo que lhe seja possível, fazer a entrega nesse Tesouraria.

Desculpai, pois, Cb.: e Th.: Th.: a nossa demora na satisfacão de tão imperioso dever e recebei o mais indelével reconhecimento desta of.: pela vossa extrema benevolencia e generosidade. Recebei, pois o aler.: prob.: que está Th.: Lj.: vos envia e q. o S.: Th.: do Th.: vos aj.: e il.: —

Vale de Coimbra, 14 de novembro de 1761 (e.: v.:)

O Ven.: — Benoit Malou, gr.: 5. — O

Secret.: Marquez de Pombal, gr.: 3º. — Carta
conferencia, (a) Marbicus Grito.

Nº 117⁽¹⁾

Nº Gl.: do S.: Mr.: do Un.:
L.: B.: F.:

Sal.: de Coimbra — 17 de novembro de 1801 (c.: v.:)
Nº N.: Lj.: Liberdade — Ao Gr.: Or.: de
Portugal.

Ob.: e NN.: Jh.:

Carta N.: Lj.: Teu o prazer de vos comuni-
car que foram propostos na sua sessão de 16
do corrente os fprof.: João Marques dos Sau-
tos de 23 annos de idade, natural de Coimbra,
estudante do 2º anno de medicina; e Joaquim
Rodrigues da Silva Leite Junior, de 22 annos
de idade, natural de Pederneira, estudante
do 1º anno de direito, para parecer immic.: nos
nossos Sup.: Mist.: — os quais teem ambos
sufficiencias meios de subsistencia

Acceita, Ob.: e NN.: Jh.: a escriptura que es-
ta Lj.: vos dedica e que o S.: Mr.: do Un.:

⁽¹⁾ Nº 24-A.

vos aj.: e il.:

O Ven.: (e) Benedit Malau, gr.: 5.º — O
 Secret.: Marquez de Pombal, 3.º.

N.º 118. ⁽¹⁾

N.º Gl.: do S.: N.: do U.:
 L.: B.: F.:

Sal.: de Coimbra, 17 de novembro de 1907 (e.: v.:)
 N.º Resp.: Lj.: Aliança.

bb.: e NN.: Jh.:

Esta R.: Lj.: tem o prazer de vos commu-
 nicar que iuc.: segundo as formalidades da
 liturgia maz.: os Jh.: José Lobo (Garnot) e
 Albano Moncada (Bronwel); e que foram
 propostos os Jh.: Luis Ribeiro, Manuel
 Teles, Fernando Machado da Cruz, Joaquim
 Rodrigues de Silva Leite J.º e João Marques
 dos Santos.

Equivalente vos particeps que as suas
 sessões ordinarias são todos os sábados ás 6
 e meia, onde está sempre pronta a rece-
 ber com a mais fraterual boa vontade os

⁽¹⁾ N.º 24-B.

Mr.: do vosso \square . Participa-vos finalmente
 que foi o nosso R.: Sr.: Antonio Pereira
 de Sousa quem realizou o arrendamento do
 nosso Templo.: e que esse mesmo Sr.: está
 devidamente autorizado pela nossa R.: Of.:
 para terminar com vós o contracto de ar-
 rendamento do Templo.: que sobre as duas
 Off.: foi celebrado.

Esse R.: Lj.: da-vos conhecimento des-
 te facto para que, com mais brevidade e
 simplicidade possais satisfazer o vosso com-
 promisso.

Aceitai, pois, Sr.: e R.: Sr.: a orbiua
 que este Resp.: Lj.: vos dedica e que o S.:
 Sr.: vos aj.: e il.:

O Ven.: (a) Beusit. Malou, Jr.: 5º — O
 Secreb.: — (a) Marquês de Pombal, 3º.

Nº 119. (")

M' Gl.: do S.: Sr.: de Cl.:
 L.: B.: F.:

Sal.: de Coimbra, 17 de novembro de 1761 (c. v.)

Jto Gr.: Sr.: de Portugal

(") Nº 24 - c

-66... 111... 111...

Procurando esta Corp.: Ly.: desenvolver as ideias suas.: no meio academico em que se encontra e tendo para isso de lançar mão de algumas associações academicas aqui existentes, tem-o conseguido em parte, apressando-se de mais importante de todas que na academia existem, a "Tuna Academica".

Esta corporação costuma realizar todos os anos algumas viagens de recreio e fraternização e este ano resolveu ir a Lisboa.

Ora como a "Tuna", funcione da mesma maneira com o seu produto, depois de extraidas as suas despesas, será oferecido a alguma sociedade de beneficencia, os directores da "Tuna", sobre este [] lembaram-se de vos perguntar se o mesmo Gr.: Sr.: tem, sob a sua protecção, alguma sociedade de beneficencia ou instrução a qual, de preferencia, aquella corporação academica deseja beneficiar.

Sobre esse ponto vos pedimos nos informeis se na realidade existe alguma corporação nessas condições por vos protegida, e se, sendo assim, quereis dar-vos ao succedido de juntamente com a direcção da "Tuna", cuidar da organização do beneficio, o que será muito agradável para esta corporação.

ção auxiliar de preferencias as instituições
da nossa Rep.: Ord.:

Seu o S.: D.: do U.: nos aj.: e il.:

O Ven.: (e) Barão de Malen gr.: 5. — O Se-
creb.: (e) Marquez de Pombal, gr.: 3º.

Nº 120⁽¹⁾

Nº Gl.: do S.: D.: do U.:
L.: E.: F.:

Val.: de Coimbra, 29 de novembro de 1801 (e.: v.:)
Ao Gr.: Sr.: de Portugal

El.: e M.: Sr.:

Emba N.: Sr.: Tem o prazer de vos commun-
icar que foram iniciados nos novos estudos:
MMist.: os pprof.: José Lobo Garcês Patra de
Almeida e Albeno de Seica Moncada, au-
tos bachareis em direito, propostos pelo Sr.:
Memb.: Ven.: e dos quais o primeiro tomou
o nome p.emb.: de Carust e o segundo o de
Leonwel; Luis de Silva Ribeiro, estudante,
proposto pelo Sr.: Marquez de Pombal, que to-
mou o nome p.emb.: de Alexandre Hercula

⁽¹⁾ Nº 25-A.

no, e Manuel N. M. de Silva Teles, estudante de filosofia, proposto pelo Sr. Alfeu' Alves, que tomou o nome pseud.: de Julio Cesar.

Igualmente vos participo que foram propostos os prof.: Joaquim Rodrigues de Silva Leite J.^o, estudante de direito, filho de Joaquim Rodrigues de Silva Leite, natural de Pederneira; Augusto Lopes Carneiro, natural do Porto, filho de Antonio Lopes Carneiro, bacharel em direito; Paulo de Costa Mearns, filho de Antonio de Costa Mearns, natural de Fornos de Algodres, distrito de Guarda, estudante do 4.^o anno de direito; Fernando Arthur Machado da Cruz, filho de Aldeino Abel Boetho da Cruz, natural de Lisboa, estudante do 2.^o anno de direito; e João Marques dos Santos, filho de Manuel Marques dos Santos, natural de Coimbra, estudante do 2.^o anno de medicina.

Nesta mesma franch.: vos pedimos nos mandeis o boletim official do Gr.: Sr.: e ajuda o favor de nos dizer qual a importancia da imm.: do 1.^o gr.: por cada obr.: que temos de enviar para o vosso Gr.: Tes.:. Depejo lembrar-vos a importancia das imm.: e do Boletim.

Para esclarecer duvidas, pedimos-vos queirais esclarecer-nos sobre os requizes

fontos: a) Quanto tempo de curar pela
 cur.: do 1.º gr.:? quanto pela passagem pa-
 ra o 2.º? e pela elevação ao 3.º? e pela passa-
 gem de um der.: de outra Loj.: para a nossa?
 — b) Póde esta Resp.: Of.: corresponder-se
 com outra oficialmente, de outro der.: em
 assuntos referentes a mon. sup.: Ord.:?

São duvidas que muitas vezes se mi-
 mistham (m.) entre nós e que muito nos ob-
 sequiamos esclarecendo.

Se o S.: D.: do U.: vos aj.: e il.:

O Sen.: (a) Benedit Malen, jr.: 5.º — O Sen.
 creb.: (c) Marquês de Pombal, jr.: 3.º

N.º 121. ⁽¹⁾

N.º Gl.: do S.: D.: do U.:

L.: E.: F.:

Vale de Coimbra, 9 de dezembro de 1901 (e. v.:

N.º Resp.: Loj.: Alianças.

LB.: e M.: JI.:

Recebemos e agradecemos as vossas comu-
 nicações e cumpre-nos tambem participar-

⁽¹⁾ N.º 28-A.

os que na nossa sessão de 7 do corrente, foram aprovados por escrutínio secreto para serem imic.: nos nossos aaug.: munici.: os seguintes pprof.: : a) Paulo da Costa Mearno, natural de Famos de Algodres, quarbanista de direito; b) Augusto Lopes Carneiro, natural do Porto, quibauista de direito; c) Fernando Arbur Machado de Cruz, natural de Lisboa, erudante do 2.º ano de direito.

Iguualmente vos participamos que deve ser lypar no proximo sessão a imic.: do pprof.: Machado de Cruz, assieme como tambem se deveu realizar as eleições do corpos gerentes da N.: Loj.: Liberdade.

Atceitai, pois, BB.: e NN.: Jh.: o abraço fraternal que esta N.: Loj.: vos envia e que o S.: N.: do U.: vos aj.: e il.:

O Sec.: — (c) Benedit Malon, gr.: 5.º —
O Secreb.: — (a) Marquez de Pombal, gr.: 3.

N.º 122⁽¹⁾

Meu caro Belisário
já fui eleito, mas não tenho conta do
sestro sessão daqui a quinze dias. Os seus

⁽¹⁾ N.º 33-A. É um postal.

conselhos estão de acordo com a disposição,
já há algum tempo creada, e sobre tudo posta
com firmeza, depois do reconhecimento da
abitudine de rival e quase de inimigo dos tais
sujeitos. Levantei-me hoje, pela primeira
vez e aqui me vejo, por isso, a dar-lhe o
abraço fraternal do costume.

Sempre o seu amigo, etc. — (e) D. da
Costa Ferreira:

Coimbra — 19 de Janeiro de 1902.

N.º 123⁽¹⁾

Ex.º Sr. D.º de U.º

L.º E.º F.º

Val.º de Coimbra, 19 de Janeiro de 1902 (e.º v.º)

No Caus.º da Ord.º

Ex.º e D.º J.º

Aproveitamos esta junção para vos
manifestar o nosso reconhecimento pela al-
ta consideração que vos dignastes conceder
aos J.º do nosso quadro que estiveram no
nosso Ex.º Dr.º por occasião da ida da "Tuna

⁽¹⁾ N.º 33-B.

Academica, a esse val.: A. expressões puer-
 cera da vossa amizada e esbima para com
 a Loj.: Liberdade, foi por nos tida no devi-
 da conta quando o nosso Resp.: e Pod.: Ir.:
 G.: Secret.: Geral da Ord.: nos deu conheci-
 mento dela. Crede, bb.: e M.: Ir.: que
 a Loj.: Liberdade paterá ser grata a tão
 grandes genérasas.

Enviemos - vos o processo eleitoral do nos-
 sa Loj.: acompanhado da certidão da parte de
 acta em que o nosso memb.: ven.: José Ma-
 rio Dias Ferrás apresentava a sua renúncia
 a Loj.: e a acta de nova eleição de Ven.: em
 que foi eleito o esperancoso Ir.: Dr. Antonio
 Aurelio da Costa Ferreira.

Participamos - vos que foi inici.: na nos-
 sa sessão de 11 de Janeiro o prof.: Paulo de
 Costa Meunero que foi proposto pelo Ir.: Grad.:
 como vos foi anunciado e que escolheu o no-
 me pseud.: de Vasco da Gama.

Enviemos - vos também a importância
 do diploma do gr.: 3.º dum dos Ir.: que se
 encambrava aureante (Luis Martins, List)
 que faz parte do [] de nossa instalação
 (2\$500); assim como a parte que pertence
 ao Gr.: Dr.: pela inici.: no 1.º gr.: do Ir.: Jo-
 se Lobo Garcia Patro de Almeida (Barnot,
 3\$000 n.); Albano de Seica Moncada (Bron-
 wel, 3\$000 n.); Luis da Silva Ribeiro (tble.

xandre Herculano, 3#000 rs.); Joaquim Rodrigues de Silva Leite J.^o (Bonifácio Tolo, 3#000 rs.) o que prefaz a quantia de 12#000 rs. provenientes das estas ultimas inici...

Tambem vos enviamos neste mesmo occasião a imparcia das capitacões relativas aos oob.: do [] de installacões e dos que successivamente se foram iniciando até ao fim de Janeiro o que prefaz a quantia de 2#850 reis.

Todas estas quantias somam a imparcia de 17#350 que enviamos daqui ao moço b.: d.: Belisário Pimenta aluno da Escola do Exercito para, por sua vez, fazer entrega na Gr.: Tes.:

Pedimos-vos que, com a maior brevidade que vos seja possível mandeis os ddipl.: não só relativos ao 3.^o gr.: dos Jhs.: do [] de installacões, mas os do 1.^o gr.: para os Jhs.: ultimamente inici.

Participamos-vos, finalmente, que foram propostos para serem inici.: nos nos. nos aamp.: munist.: os pprof.: Alexandre de Macedo filho de Francisco Lopes de Lima Macedo, natural de Coimbra, aluno do 2.^o anno de medicina; e João Bernardo de Castro, natural de Brancoso, estudante do 2.^o anno de direito, ambos de maioridade e com sufficientes meios de subsistencia.

Grêde, Cb.: V.N.: e P.P.: J.J.: na am-
 nade pincera e na gradidaõ que esta N.: Lj.:
 vos dedica e que o S.: D.: do U.: vos aj.: e il.:

O Ven.: — (a) José Maria Dias Ferras.
 — O Secrebi.: (a) Francisco Marbicus Grito.

N.º 124⁽¹⁾

N.º Gl.: do S.: D.: do U.:
 L.: E.: F.:

Val.: de Coimbra, 23 de janeiro de 1902 (e.: v.:)

C.: e Pod.: J.: André Joaquim de Barros
 Na impossibilidade de o poder fazer no
 mais tempo esta N.: Lj.: tem hoje o prazer
 de manifestar o seu inelével reconheci-
 mento por tantas atenções e gentilezas co-
 mo as que os J.J.: de V.º receberam de vós
 na sua digressão a esse val.: e ao mesmo
 tempo de vos participar (enviando a copia
 da acta) que em sinal de reconhecimento
 na sua sessão de 19 de janeiro por proposta
 do J.: Marb.: Ven.: José Maria Dias Ferras
 vos nomeou J.: Honorario do seu C.º
 com direito á presidencia quando assim o

⁽¹⁾ N.º 53-C

desejardes e pela Garantia de Honradez perante os Corpos superiores do nosso Gr.: Dr.:

Não tem outra prova de elevada consideração para exprimir a sua estima e admiração por um Ir.: tão prestável como é o nosso C.: Ir.: André Joaquim de Barros.

Crede, pois, na sinceridade das nossas afirmações e dispõe vós agraças do [] de R.: L.: Liberdade.

Que o S.: D.: do U.: vos aj.: e il.:

O Secret.: (o) Marquez de Pombal, gr.: 3.º

N.º 125. (1)

N.º Gl.: do S.: D.: do U.:

L.: B.: F.:

Val.: de Coimbra, 24 de Janeiro de 1902 (c.: v.:)

N.º Pres.: L.: Allianca. Cb.: e N.º. Jh.:

Temos o prazer de vos comunicar que foi inici.: nos nossos aca.: rumos.: o prof.: Paulo da Costa Meunero na sessão de 19 do corrente, e que foram propostos os prof.: João Bernardino de Castro do 2.º anno de direito, natural de Brancos e Arnaldo de Macedo do 2.º

(1) N.º 34-A.

aus médicos, de Coimbra. Igualmente nos
participamos que no dia 14 de dezembro foi
eleito Ven.: José Maria Dias Ferrás; 1.º e 2.º
Viz.: Antonio Pereira de Sousa e José Colago
Alves Sobral; Orad.: Mario Soares Duque;
Secreb.: Francisco Marbuis Gilo; Tesaur.:
Augusto G. de S. Leitão; Chanc.: Adv.: Raul
Soares Duque; 1.º e 2.º Exp.: José Lobo Gancez
Patta de Almeida e Luis Martins; Memb.: de
Berim.: Diogo de Gouveia Sarmento; Terri-
vel, Albano de Saiz Moncada; Guard.: Int.:
Joaquim Rodrigues de S. Leite J.º; e Repr.:
a Gr.: Lj.: Simb.: Belisario Pimenta.

Porém, na sessão de 11 de janeiro, o
Ven.: reeleito Dias Ferrás recusou a sua
eleição, recusa que foi aceita pela Lj.: sendo
na sessão de 19 eleito Antonio Aurelio da
Costa Ferreira.

Deusmos a recepção da medalha prof.:
de 14:750 reis relativa á 1.ª prestação de ren-
da do Templo.

Fezemos votos pela amizade e considera-
ção que tipam as duas Md.: Lj.: e que o S.:
D.: vos aj.: e il.:

O Secreb.: — (e) Marquez de Pombeal, p.:
3.º

N.º 126. (")

Al. Gl. de S. D. de U.

L. E. F.

Val. de Coimbra, 2 de fevereiro de 1902 (c. v.)

Al. Resp. Lj. Aliança — Cb. e R. Jh.

Caro Resp. Lj.: venho por este meio agradecer aos Jh. do vosso C. que tanto interesse mostraram a favor da presença de "Tuna Académica" na última Assembleia Geral de Academia. C. Ceitar, Cb. e R. Jh. o nosso agradecimento por esse favor que será tido por nós na maior consideração.

Participamos-vos que na sua última reunião não foram propostos para serem iniciados nos nossos cursos: o prof. Manuel Augusto de Costa Rebelo Pereira, estudante, de 21 anos, natural de Santo Maria dos Arcos; e Benjamim Inácio Ferreira Abreu, de 4.º ano de direito, memb. honr. ex-secret. da Lj. Académica Livre.

No termo conhecido de que alguns odios do vosso quadro tinham pedido os seus nomes, o Sr. Memb. Ven. prof. que esta Lj. manifestasse o seu pesar pela de-

(") N.º 36-A.

serção desses votos: fazendo votos pelo au-
grandecimento do vosso [] que tão caro é
ao da Lei: Liberdade e pelo bem da nossa
Rep.: Ord:..

Dispõe, etc.: e etc.: etc.: do limitado
presbitero de que pode dispor a Lei: Liberdade
de a que o S.: etc.: de etc.: vos aj.: e il:.

O seu: - (a) José Maria Dias Ferraz, etc.:
- O Secret.: (a) Francisco Marbuis Grilo,
gr.: 3º

Nº 127 (1)

Nº Gl.: do S.: etc.: de etc.:

L.: etc.: F.:

Vale de Coimbra, 2 de Janeiro de 1902 (e.: v.:)

Ho Gr.: Secret.: Ger.: de Ord.:

C.: e etc.: etc.:

Temos a recepção de vossa franch.: de
27 de Janeiro na qual nos enviáis inclusa
uma copia de uma franch.: da Lei: Les Admi-
nistrateurs de Saint-Just ao Dr.: de Paris, a
qual, depois de uma leve discussão sobre os
termos em que estava redigida foi unami-

(1) Nº 36-B.

meamente aprovada por todo o [C] desta Resp.:
Loj.:. . . Incluso reuniamos a citada franchi.:

Recebemos os dipl.:. que nos enviastes
e brevemente vos reuniremos a med.:. ju-
f.: de vobros JJs.: ha pouco unie.:.

Recebemos tambem os decretos n.º 1. e 2
de 2 de janeiro sobre a dissoluçao e eleicao do
Caus.: de Ord.: para a qual não nos fizemos
representar no Congr.: nos termos da leis.
T.: parece só recebemos esses decretos no
dia 29 de janeiro.

A correspondencia para esta Resp.: Loj.:
continuará a ser dirigida para o Ven.: resi-
duario (Rua da Mabeuabica, n.º 19) até que
o novo Ven.: tenha posse o que vos será par-
ticipado.

Acitação, C.: e D.: J.: e alar.: frab.: que
esta Loj.: vos envia e que o S.: et.: do. U.: vos
aj.: e il.:.

O Ven.: — (a) José Maria Dias Ferrão, 5.º.:
— O Secret.: — (a) Francisco Marbicus Grito,
gr.: 3.º.

N.º 128⁽¹⁾

N.º Gl.º do S.º A.º de U.º

L.º E.º F.º

Val.º de Coimbra, 3 de março de 1902 (e.º v.º)

Jo.º Caus.º de Ord.º — C.º.º e N.º.º J.º.º

Temos a honra de vos participar que nas nossas sessões de 26 de fevereiro e 2 de março foram iniciados os prof.ºs Arnaldo Macedo que tomou o nome simb.º de Mascagui; Augusto Lopes Carneiro que tomou o de Marat; e Manuel Augusto de Castro Rebelo Pereira que escolheu o de José Ebermann. Igualmente vos participamos que na nossa sessão de 2 do corrente foi rejeitado por não satisfazer ao interrogatório o prof.º João Bernardo de Castro; sendo nessa sessão proposto para ser inici.º nos nossos auct.ºs munici.ºs o prof.º Antão Augusto Correia de Melo, natural do Faial, de 21 annos de idade, estudante do 1.º anno de direito e o Merb.º Mac.º João Alves Barreto ex-oler.º da Rep.º.º Lj.º.º Promoveu.

Também levamos ao vosso conhecimento que a nossa Rep.º.º Lj.º.º votou a inici.º no

(1) N.º 38-A.

gr.: 2.º aos aprendizes José Lobo Garcês Pa-
tha de Almeida (Carnot), Luis de Silva Vi-
beiro (Alexandre Herculano) e Joaquim Ro-
drigues de Silva Leite J.º (Gomillo Zola).

Escrevemos este eusejo para vos en-
viar o des.: frat.: de Parf.: Lj.: Liberdade fe-
zendo votos para que o S.: D.: de U.: vos aj.:
e il.:.

O Ven.: — (a) Ambrosio Aurelio de Costa
Ferreira gr.: 3.º — O Secre.: — (a) Francisco
Martins Grito; 3.:.

N.º 129 ⁽¹⁾

(Resumo incompleto)

Ho. Caus.: de Ord.:.

Tendo-nos esubiuido em Lj.: irre-
gular como encarrigados por essa Lj.: de
vir perante vós patebear-vos o desejo que
temos de regularisar a nossa of.: estocando-
a sob os auspicios do Gr.: Or.: de Parfyal,
afim de que o nosso esforço diripido e au-
xiliado por vós, alguma causa de util e bon

⁽¹⁾ Sem data. Letra de Martins Grito. Deve
jorreu per n.º 69-A, porque a n.º 70 é resforça;

passa fazer na saubá cruzada que á Mac: incumba.

Propozto o novo [E] por bastantas oler: vindos da R.: Lj.: Liberdade, e este val: julgamos - nos na obrigação de vos participar os factos que os levaram a abandonar aquella Lj.:

De ha tempos que, divergências de opiniões, haviam determinado sobre os oler: da Lj.: Liberdade uma peião. Cada um dos dois grupos que se formáram pensava de modo diverso e olhavam-se sempre com desconfiança. Quizeemos manternos por amor á causa por que nos unáramos, mas os nossos antagonistas principiam a usar para connosco de meios novos proprio, e de meias: . De desconfiança passaram á inbriga e daí á desconsideração.

Chegamos ao ponto em que a nossa dignidade de haueem e de Mac: nos não conseruia manternos por mais tempo. Na ultima peião da Lj.: Liberdade um dos nossos oler: tomando como pretexto o facto do nosso Sr.: Marbuis Grilo ter propozto um artigo oler: da R.: Lj.: Cap.: Academia Livre, que trata as questões havidas nesta of.: com os nossos Ob.: e R.: Sr.: Dias

dando esta a indicação de que era de 28 - dezemb.

Fernão e Mario Duque abacaram estes ultimos, veiu propor um voto de censura áquelle nosso P. J.:... O modo pouco correcto como tal voto foi proposto, a significação que elle tinha de simplesmente querer ofender um dos membros: mais presbiteros deste val.: e o facto de, na pessoa dele, se pretendia ofender todo o grupo que o rodeava, indignou-nos.

Resolvemos, pois, pair, para evitar questões de mais vulto que redundariam tão sómente em prejuizo da Maç.: e não querendo ficar inactivos, aubos desejosos de trabalhar, lançámos as bases na nossa nova Lj.:. Para ella chamámos alguns oobers.: dos conventos da Lj.: Academia Livre e outros que neste val.: se encontravam dispersos tomando como principal cuidado o fundar uma Lj.: em que reunissemos o maior numero possível de elementos extranhos á classe academica, á qual, por assim dizer se encontrava limitada a acção do nosso Lj.: Dr.: neste val.:.

Alguns coisa conseguimos já neste peubido e muito esperamos conseguir.

E' forem nosso desejo que a Lj.: que ora se funda seja quanto aubos regularizada e logo como Lj.: Cap.:.

Neste peubido e para aplanar difficul-

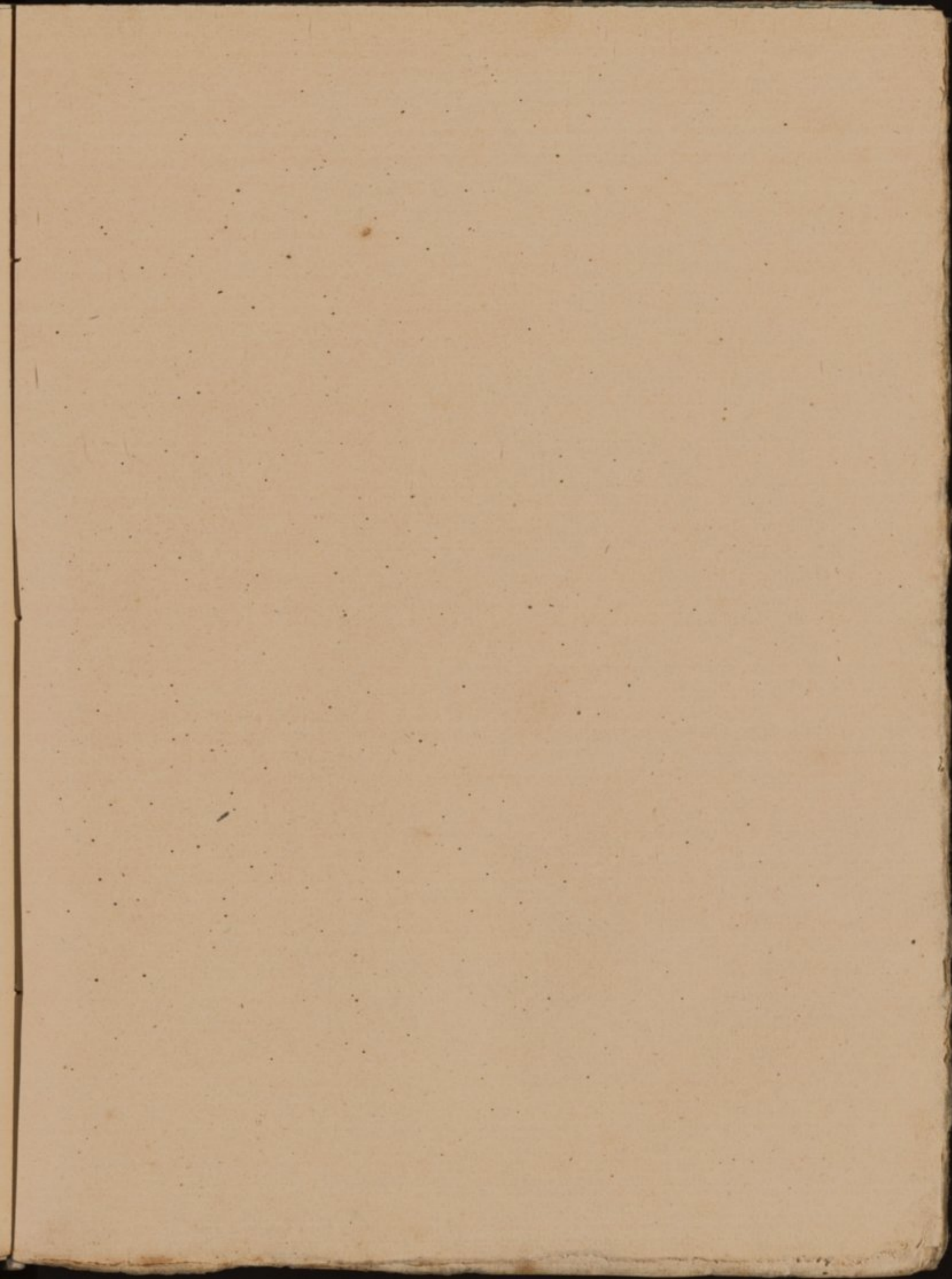
dades que sempre se levantam em empresas desta ordem, vimos perante vós fazer alguns pedidos que esperamos do vosso favor nos serão satisfeitos.

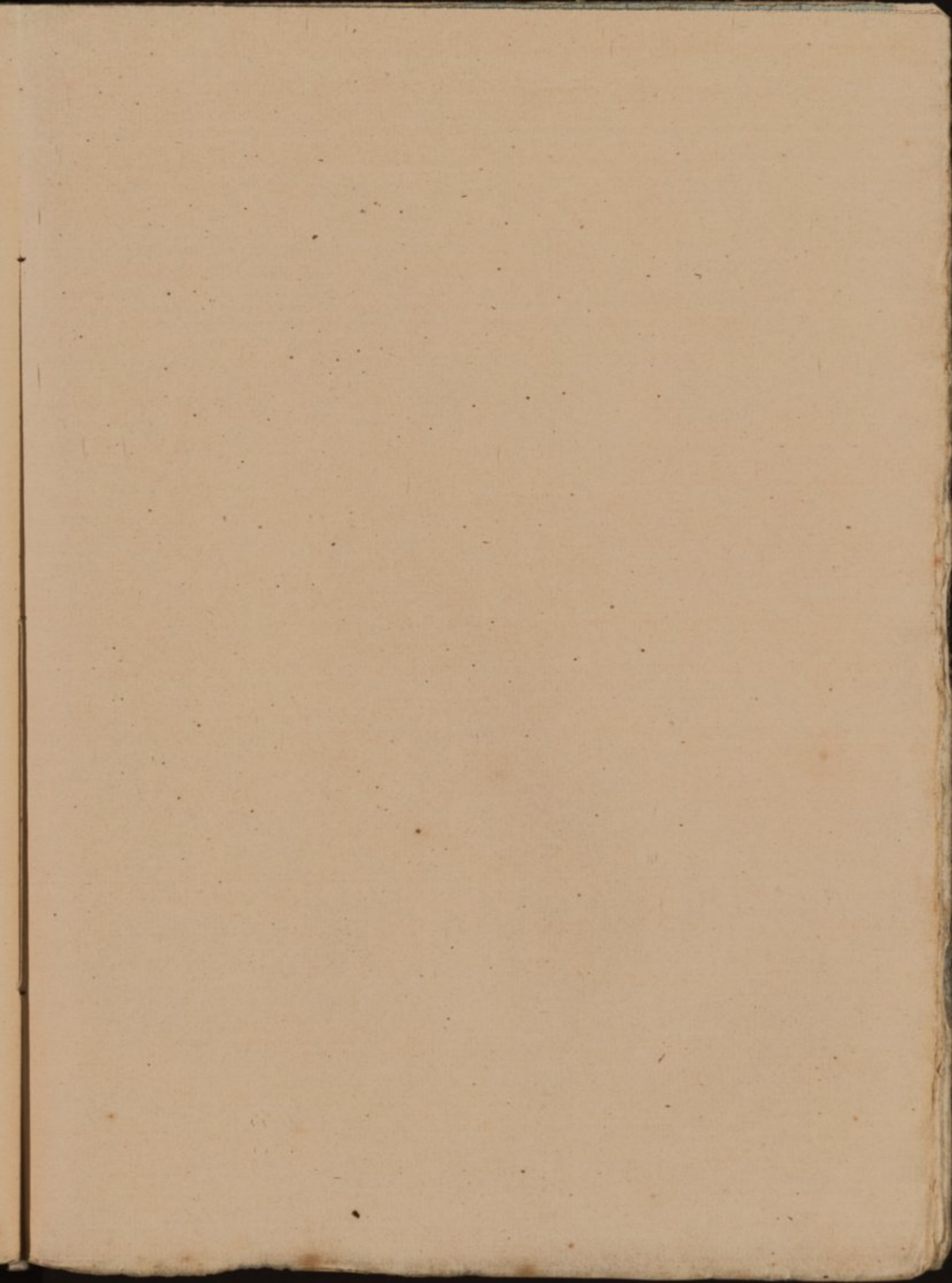
São eles:

1.º : Que nos sejam concedidos sete ggr.: de C.: R.: F ficando os coler.: que caíu tal honra fossem agraciados na obrigação de satisfazerem porembe o preço dos seus dipl.: ;

2.º : Que os coler.: que compoem o [] da nova l.j.: até ao momento da sua instalação paguem porembe os dipl.: dos ggr.: que possuirem e lhes sejam conferidos;

3.º : Que o Gr.: Dr.: nos dispense o pagamento da





Nota

Na transcrição das cartas observaram-se a orthographia
dos autores.

São Joãoes os docum.^{tos} n.º 23 - 28 - 29 - 30 - 33 - 38 -
40 - 42 - 53 - 54 - 58 - 77 - 80 - 81.

Vol. I.

Documentos

Academ. Livre — 1899 - 901 —

Doc.^{os} 1 - 20

Liberdade — 1901 - 903

Doc.^{os} 21 - 86

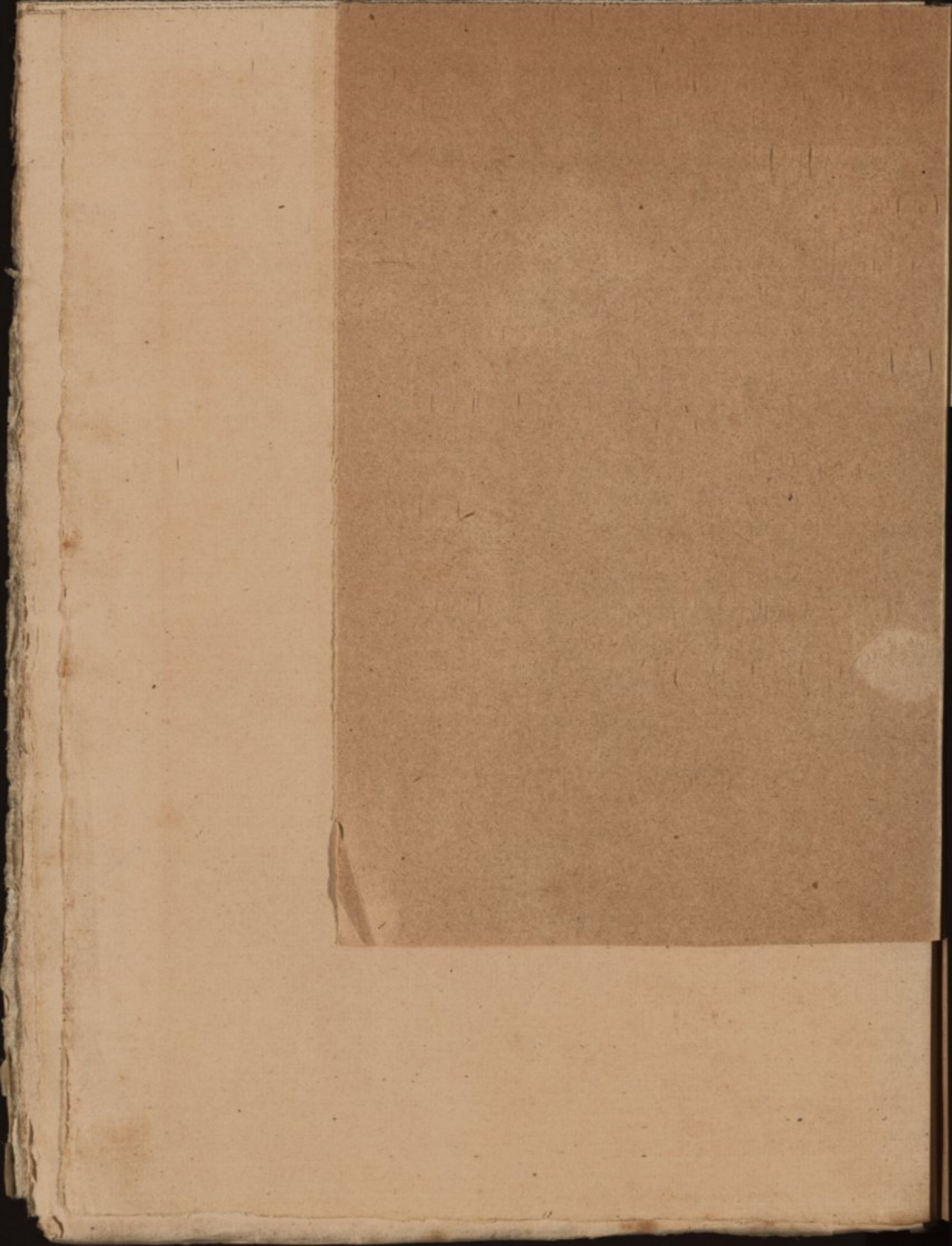
Pro-Scribale — 1904 - 1905

Doc.^{os} 87 - a 113.

Suplemento —

Doc.^{os} 114 - a - 129.

Commeçado a copiar em 1904 : Ter-
minou a 12-julho-1921.



Intervalo

Comenzado e copiado en
15-junio-921.

		Pag.
I	- doc. n.º 130 a 142 (1905 - 1907)	1
II	- Cadeiro de apontamentos (1907 - 1908)	24

Resf.: Ly.: Perbupal

I	- <u>apontamentos de apontamentos</u> - (1908 - 1909)	117
II	- <u>documentos</u> ; n.º 167 a 270 (1909 - 1915)	131.

Resbos...

Documentos:	<u>fol. 271 - 274 (1915)</u>	287.
-------------	------------------------------	------

Terminado e copiado
en 7-junio-922.

10			
85	"	"	Da
147	"	"	pa
141	"	"	Pa
186	"	"	all
211	"	"	pa
292	"	"	pa
H12	"	"	pa
H5	"	"	pa
52	"	"	pa
54	"	"	pa
56	"	"	pa
75	"	"	die
80	"	"	Da
295	"	"	pa
166	"	"	pa
228	"	"	pa
255	"	"	pa

Bairn's



Ad Universum Terrarum Orbis, Summi Architecti Gloriam

E.: F.: C.:

SOB OS AUSPICIOS DO

Gr.: Or.: Lusitano Unido, Sup.: Cons.: da Maç.: Portuguesa

O Cap.: da R.: Loj.: PRO VERITATE

Ao vall.: de Coimbra

N.º

A

Vall.: de Coimbra, de de 190 (e.: v.:)



À GL.: DO S.: A.: DO U.:

L.: E.: F.:

Sob os auspícios do Gr.: Or.: Lus.: Un.:

Sup.: Cons.: da Maç.: Port.:

A R.: L.: Cap.: Academia Livre

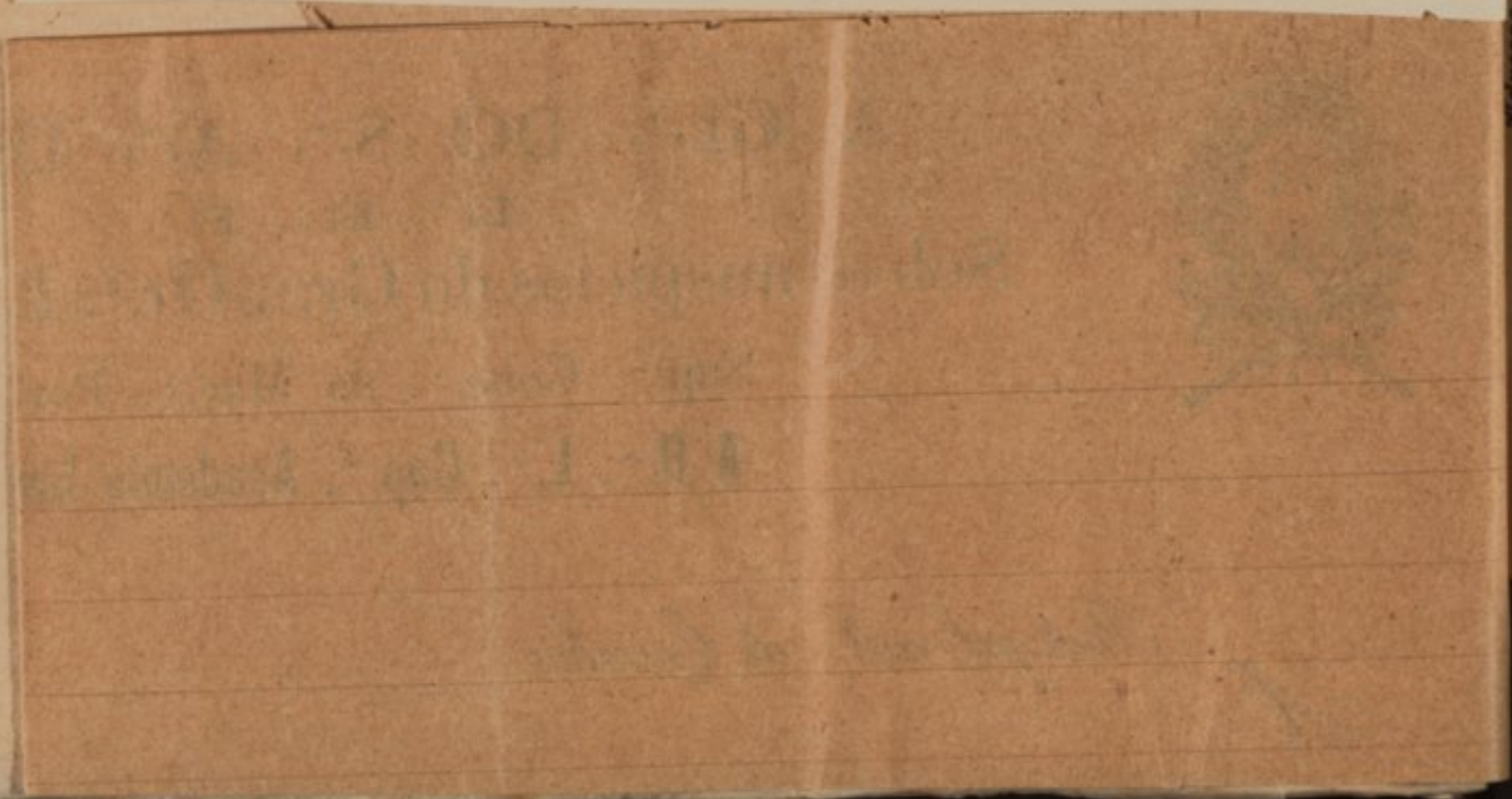
Portugal, vall.: de Coimbra

A

ms Grillo 38

185	"	"
186	"	"
187	"	"
188	"	"
189	"	"
190	"	"
191	"	"
192	"	"
193	"	"
194	"	"
195	"	"
196	"	"
197	"	"
198	"	"
199	"	"
200	"	"
201	"	"
202	"	"
203	"	"
204	"	"
205	"	"
206	"	"
207	"	"
208	"	"
209	"	"
210	"	"
211	"	"
212	"	"
213	"	"
214	"	"
215	"	"
216	"	"
217	"	"
218	"	"
219	"	"
220	"	"
221	"	"
222	"	"
223	"	"
224	"	"
225	"	"
226	"	"
227	"	"
228	"	"
229	"	"
230	"	"
231	"	"
232	"	"
233	"	"
234	"	"
235	"	"
236	"	"
237	"	"
238	"	"
239	"	"
240	"	"
241	"	"
242	"	"
243	"	"
244	"	"
245	"	"
246	"	"
247	"	"
248	"	"
249	"	"
250	"	"

Wagner



À GL.: DO S.: A.: DO U.:

GRANDE ORIENTE LUSITANO UNIDO

Sup.: Cons.: da Maç.: Portuguesa

UNICO LEGALMENTE CONSTITUIDO PARA O REINO DE PORTUGAL E SEUS DOMINIOS

Vall.: de Lisboa de de 190 (e.: v.:)

A Gr.: Secr.: Ger.: da Ord.:

N.º

Cópia do Decreto nº 16

Nos, Luis Augusto Ferreira de Castro, Gr.: Mest.: Sob.: Gr.: Com.:,
como chefe sup.: da Ord.: Maç.: em Portugal, tendo ouvido o
Cons.: da Ord.:, Decretamos: Art.º 1.º - Depois de cumpridas
as formalidades estabelecidas na Const.: e leis vigentes, e' admitti-
da a inst.: e req.: sob os auspícios do Gr.: Or.: Lusitano Unido,
Sup.: Cons.: da Maç.: Portuguesa, a Resp.: Log.: Cap.: Pro Veri-
tate, do rito escocês, do Vall.: de Coimbra, a qual fica tendo o
numero duzentos e quarenta, Art.º 2.º - Pela Gr.: Secret.: Ger.:
da Ord.: lhe será passada e expedida a respectiva Cart.:
Pat.: para que possa funcionar. Traç.: no Gab.: do
Gr.: Mest.: aos 21 de abril de 1904 (e.: v.:) (a a) O Gr.: Mest.:
sob.: Gr.: Com.:, Luis Augusto Ferreira de Castro, 33.:; O Pres.:
do Cons.: da Ord.:, Luis Filippe da Matta, 33.:; O Gr.: Sec.:
Ger.: da Ord.:, Feio Fernandes, 33.:.

Está conforme

O Gr.: Sec.: Ger.: da Ord.:

Feio Fernandes, 33.º

GRANDE ORIENTE LUSITANO UNIDO

Sup. Cons. ou Mac. Portuguesa



Vertical text on the left margin, possibly a name or title.

Small text line, possibly a date or reference number.

Calligraphic text, likely a signature or name.

Main body of faint, illegible calligraphic text, possibly a letter or document content.

Pro - Jan
21-4-

I

Nº 130

Nº Gl.: do S.: do U.: do U.:
L.: B.: B.:

U.: Lj.: "Patria", ao Val.: de Coimbra. —
Repartição do Gabinete do Ven.: Merb.: 2 de ju-
nho de 1905 (e.: v.:)

Ho Rod.: Sr.: Dr. Francisco Martins Gri-
lo, gr.: 25 ao val.: de Coimbra.

O abaixo assinado, Ven.: Merb.: da U.:
Lj.: Patria do val.: de Coimbra, vem pedir-
vos sobre o assunto pendente das passagens,
uma resposta definitiva e categorica, por es-
crito, até amanhã, sábado, 3 do corrente, às
seis horas da tarde, afim de esta U.: Of.: fi-
car habilitada a tomar immediatamente
qualquer deliberação.

O abaixo assinado seza insistir acrim-
nosamente por lhe haverdes dito que hoje,
sexta-feira, resolvereis este assunto, e por-

que, tendo de sair deste vale, em paucis-
simos dias, é ferozoso que tudo fique resolvi-
do e assente, conferue as proprias delibera-
ções desta R.: Of.:

Atrocitando a oserbumidade para vos
enviar o abraço hab.:, o abaixo assinado
faz votos para que o Sup.: D.: do U.: vos aj.: e
il.:

(a) Fausto de Quadros, 25.:

{Lugar do carimbo da Loj.:} Graç.: na Repar-
t.: do Gab.: do Ven.: Merb.: — O Secret.: Parti-
cular — (a) Garkí, 3.:

N.º 131

D' Gl.: do S.: D.: do U.:
L.: B.: F.:

R.: L.: "Patria", ao val.: de Coimbra. — Re-
partição do Gabinete do Ven.: Merb.: 11 de junho
de 1905 (e.: v.:)

Do Pod.: Sr.: Francisco Marbues Gilo gr.: 25
ao val.: de Coimbra.

O abaixo assinado, Ven.: Merb.: de R.:
Loj.: Patria, sendo-vos ha mais de dez dias

pedido resposta por escrito, até ao dia im-
ediato á noite, sobre o assunto da vossa
 passagem e de outros oculos: da R.:. Lj.:
Pro-Veritate para esta R.:. Of.:, conforme
 o vosso pedido verbal, e recebendo, no ju-
 zo indicado eutão, unicamente uma sim-
 ples comunicação oral, embora com caracte-
 ter definitivo e categorico, em que afirmas-
 teis que no dia seguinte subregarreis. Nes-
 ta Secret.: o pedido respectivo e documen-
 tos, o que com estranheza se não verificou,
 vem comunicar - vos que a R.:. Lj.: Patris
 se considera desde já desligada completa-
 mente de qualquer compromisso para com
 vós e para com os restantes R.:. JJs.:
 cuja passagem não pôde admitir por ter
 resolvido fixar numero certo dos oculos: de
 seu [] e não haver actualmente vaga pa-
 ra nenhuma admisión por passagem.

O abaixo assinado extranha o vosso in-
 qualificavel silencio que só pôde ser compa-
 rado ao antigo procedimento da vossa R.:.
 Of.: sobre o caso do aluguer do nosso Temp.:
 em janeiro, tendo-se além disso utilizado
 dele por diversas vezes, por generoso em-
 presbimo, sempre sem a minima atencão
 ou agradecimento.

Nestes termos, o abaixo assinado dá
 este assunto por terminado, desbeando-se

de entrar em quaisquer outras negociações, quando é certo que as suas atenções e delicadezas, e as da N.ª L.ª: Patricia nem por todos costumam ser igualmente respeitadas.

Que o S.ª N.ª de U.ª no aj.ª e il.ª

(a) Fausto de Suedos, 25.ª

[Lugar do carimbo de L.ª] O Secret.ª de
Repartição do Gab.ª do Ven.ª Mer.ª — (a)
Garku m.ª m.ª

N.º 132

Amigo Fausto:

Cheguei há dois ou três dias de Aldeia das Dez, duma aventureira delicia por terras nunca vistas. Não palia, por consequencia, o que se passára na minha ausencia a respeito das nossas aulas.

Quem, porém, fiquei um pouco em quanto admirado com uma esbilitaria que você mandou ao Grito e que eu li por alto porque ia no americano, na volta do mais profano dos divertimentos: dos cavalinhos.

Que diabo é que houve? Confesso que não percebi nada. Do que você lá diz nada

Tomo para mim sempre nada fiz para merecer a "descompostura", que nos arreuma.

Você terá as suas razões, mas quero crer que não terá razão.

Pode-me mandar dizer quando vai para Lisboa? Este mundo, é, como dizem o outro, com verdade, uma verdadeira bola! Quando fui à Aldeia das Dez veja o que por aí vai: complicou-se a questão de Marrocos, a guerra do Oriente e... a nossa admissão no Pariz!...

Seu mais. Dispense sempre do seu velho amigo e amigo e discípulo

Trac.: no Quarel de Inf.º 23 Log.: oc.: e bem iluminado — 18 - junho - 1905.

(a) Belisário Pimenta

N.º 133

Cóimbra — 15 de setembro de 1905

Meu caro Sobral:

A causa não nos larga: sempre possível, mas sempre de impertinência...

Como você sabe, ficamos em nada resolver a respeito de nova Log.: e nestas disposições estava quando meubro dia fui à Fi-

queira passar uma noite. O Luis Ribeiro
 no está lá e esteve comigo muito tempo
 conversando acerca das novas desordens na
Pro-Veritate, das quais vai resultar uma
 nova peisa.

A peisa é formada por elementos
 academicos: Baltazar Ribeiro, Sergio Ca-
 listo, Amerio, Pais Cabral, etc. e foram
 cuidados, o Ribeiro; o Ribeiro não aceitou
 nem me ouvir e a você, mas combiná-
 mos (secretamente) o seguinte que agora
 vou submeter á sua aprovação: o Ribeiro
 entrou no grupo, fazia ver a dificuldade
 de escolha do Reverendissimo e disporia as coisas
 para virem ter comigo.

Passados dois dias volto de novo á Fi-
 gueira, á noite, e o que é verdade é que o
 Baltazar e o Sergio vieram ter comigo ofere-
 cer-me o mathese, para eu tomar conta
 do barco, que dirigisse, que mandasse, etc.
 etc. Nisso, appareceu o Ribeiro e em volta
 dum mesa de café, tomando chocolate de
 Matias Lopes, combináram-se algumas
 cousas, mas eu não dei a palavra defini-
 tiva para você dizer o que pensa.

Disse mesmo que impellido a sua en-
 trada para o Li, subtrahendo eu, o que eles
 aprovaram. Responde, pois, fazendo as
 considerações que entender pois sabe que

reunire as terci em muita consideração.

Quando minha de Figueira, o Fernandes Costa, no comboio, disse - me que precisava ter uma conversa contigo, que me não queria desgarrado e á boa vida... Eu não desgostava de entrar para o Parbupal, mas gostaria mais de seguir com os rapazes. O Parbupal talvez me queira por causa do gr.: para conseguir o capitulo; mas no entra reunire é a nossa casa.

Estão, parem, um pouco entalado: a nossa Loja: é acadêmica e eu estou mesmo dividido para com alguns Drs.: que não são academicos e que me disseram quando eu saí de Pro-Veritate que estavam ás minhas ordens para tudo o que eu fizesse. Ora já vê que, se a nossa Loja não admitir depois alguns, tres ou quatro, Drs.: não academicos, eu naturalmente, estou impossibilitado de aceitar o oferecimento. São eles: o Machado, fumileiro («o careca»), o Mendes Alcantara e o Costa.

Não lhe parece que tenho razão? Contudo, Rei-de-ver: se eles estão dispostos a aceitar 3 ou 4 fabricas, aceito, naturalmente; se não, não devo aceitar e continuo na disponibilidade.

Mande você dizer o que lhe parece tudo isto. Bem sei que estas cousas cheiram a

trabalhada; mas se eu vier que a nova loja não tem condições de estabilidade, não quero ajudar mais de Herodes para Pilatos.

É com esta não sei mais. Responda, você deve ter razão. Mande sempre o que é seu amigo, etc. etc.

(c) Beltrário Diniz

Nº. 134

Alcides — 20 de setembro de 1905

Meu caro amigo:

Recebi a sua carta de 15 a que só agora respondo porque tenho andado por fora da terra em excursão venatória, seguida de umas vindimas, etc. etc. Agradeço-lhe muito a prova bem grande de amizade sincera e leal que me deu cumprindo a minha submissão no Loja. seu projecto, bem como também agradeço a consideração que liga a minha ofensiva o que só significa bondade da sua parte.

Apesar do desenvolvimento que deu á sua carta compreendo o meu amigo muito bem que lhe faltam muito necessários para se poder fazer um juízo se-

guro da situação. Só uma longa conversa ou até umas longas conversas me poderiam habilitar para dar a minha opinião e para resolver sobre o meu procedimento.

A nossa última conversa sobre assuntos municipais: aquela em que ficou assente na da resolução sobre a nova Lj.: foi muito curba de modo que não fude dizer-lhe o que pensava sobre os factos relatados pelo Luis Ribeiro e que foram a causa deberemmente daquela resolução.

A meu vêr, não é na Pro-Veritabe que ha os traideres; estes, se existem, estão arruados no Gr.: Dr.: o que inutilisa todos os esforços de uma Lj.: subordiuada aquella potencia municipal. E' curbação minha que assim nada se pode fazer, até pelo contrario, seremos feridos numa luta em que os reaccionarios estão de melhor partido. Ou os municipais que são sempre independentes a quem eles não possam prejudicar ou até deue a Mac.: por constituida por um municipalmente novo sem relação absolutamente de especie alguma com as Lj.: existentes e novos ainda com o Gr.: Dr.:

Pode ser que esta minha opinião seja disparabada mas, modestia aparte, não me parece, até a julgo uma consequencia logica dos factos contados pelo Luis e de que

você, segundo julgo, também tem conheci-
 mento. Pelo que ele me disse, parece-me
 que só uma Loj. independente, formada
 por elementos reconhecidamente bons e que
 a pouco e pouco fosse recrutando outros e
 de cuja existência ninguém pousasse nem
 mesmo, e especialmente, os outros meus;
 é que poderia fazer alguma coisa. Isto é
 uma opinião pessoal e susceptível de se
 modificar desde que reconheça que estou
 em erro.

Não envolve também uma recusa for-
 mal à minha regularização porque acima
 dos meus interesses coloco o bem geral e os
 deveres de amizade.

Barbaria em saber eu mesmo suspeitar
 que você não aceitaria a proposta que lhe fi-
 zeram por minha causa para eu ser o pri-
 meiro a querer que me regularissem. Eu
 conto sair daqui antes de 15 de outubro e
 logo que aí chegar conferenciarei com o meu
 amigo e com o Luis. Por mais prolixo que
 eu seja não ha nada como um quarto de ho-
 ra de palestra para esclarecer o assunto.

Lerei que a nova Loj. não se poderá
 constituir antes de abertas as aulas, por is-
 so tenho tempo de falar consigo e de dar a
 resposta. Um favor de bom amigo que vo-
 cê me fará é não se prender em nada comi-

go para a resposta que tem a dar aos ho-
meus; aceita ou recusa sem se lembrar
que eu existo e não lhe afirmando que eu
também existo. Exige, visto que já o fez
impulsivamente pela sua lealdade e pela
consideração em que me tem que fique a
parva e boba para eu entrar quando qui-
zer eu poder.

Isto me basta e não me melindra abso-
lutamente nada procedendo sem se
prender comigo; antes pelo contrario, me
fará mais favor.

Quando procurei o Manuel Huberis
para em meu nome, no do Luis e no do
Gylio recusar os ggrs. disse-lhe que era
minha intenção nenca mais voltar ao
serviço activo em que se o fizesse não seria
por estes tempos mais chegados; além disso
você compreende muito bem que preciso
obter uma colocação porque a leccionação
pouco me dá, não é uma causa certa e
além disso pela reforma de farmacia os
alunos acabaram daqui a 4 ou 5 annos. Como
você talvez saiba, o Sousa Gomes auxiliou
me muito quando foi da dissolução para
o concurso de farmacia e interessou-se
bastante pela prevenção da criação dum ou-
tro lugar de administrador; ora se ele dá
parte por me saber no mag. e deixa de

mexer os pauzinhos em meu favor, ou o que é peor, the dá para os mexer de modo a prejudicar-me?

Isso não é puzuar só pelos meus interesses, mas porque quanto mais independentes e de posição segura houver na casa... melhor.

Ficamos, pois, nisso: eu não the dou por qualquer resposta sobre a minha vontade e o meu amigo se vê que deve aceitar, eu misso sou vontade, aceita, na certeza de que me magoará profundamente se desistir das minhas ideias pelo facto de eu não ir consigo.

O que já the posso afirmar é que, se você entrar para essa Loja: e eu não estiver consigo é porque também não estou com mais ninguém.

Quando é admittido dos tais febricos, creio que, desde o momento em que você the diga que a Loja: não admittê pessoas academicas e que você tenha feito os esforços para elles entrarem, não tem de que se queixar. Não é você que a funda, é a sociedade; e seria levar muito longe a abnegação o recusar, fundado na recusa da admittão deles. Mesmo que the permitissem a entrada eles não devessem aceitar. Eu me ligo deles não o fazis.

É verdade: o que he a respeito dos ates dados de quite? Ainda o não passaram?

Creio que the pedi o favor de receber o

meu e exporbular os valores respectivos. Se não fiz esse pedido, faço-o agora, agradecendo desde já mais essa fineza.

Não me pôde dizer o que é que significa a nova pirâmide? Se não se encaixam muito diga qualquer coisa.

No nome dos fabricantes, cita o Corba; não será engano? Suaria escrever Peca e escreveu Corba? Se se refere ao Corba das bombas e pinças e preciso ter sempre a redea muito fina e a mangueteira alta.

Barba de cobrada.

Atiraç-o o seu amigo de 2º.

(a) José Soler.

N.º 135.

Meu caro Belirário

Acabo de receber um ultimatum da Rep.º. Loj.º. Cap.º. Pro-Veritate, desse val.º. q. me diz que, se não entrar na Tesour.º. daquelle Temp.º. até ao dia 20 do corrente com a quantia de 4:000 reais, per-me-ha applicado o artigo 286 do Rep.º. Ger.º. que, segundo julgo, me manda irradiar. Esta carta foi-me dirigida para a Lauran, onde já não estou desde maio e só agora me veio á mão.

Carbauebe cabau já irradiado, com o que
 me não importo, mas, todavia não deseja
 ua que fosse por falta de pagamento de que-
 das. Apesar de que eu não sou obrigado a pa-
 gar semelhante que das, porque se havia es-
 tabelecido entre os mesmos BB.: e RR.: Jh.:
 embora naõno [] que as que das mensais
 para os Jh.: ausentes seriam muito mais pe-
 quenas como o meu amigo tem conheci-
 mento, pois até já me fez o favor de pagar
 algumas. Por isso, resolvendo posteriormente
 de, embora naõno of.: levar aos ausentes
 do val.: as suas capitações mensais, a Real-
 dade mandava que elles fossem prevenidos.
 Não é verdade? Pois nenhuma prevenção
 cá me chegou.

Porbo isto, meu caro amigo, remeto-
 the, em vale do correio, a medalha profana
 de 4000 reis que terá o succedido de subrepar
 na Rescuraria de Pro-Veritate, se ainda não
 fui irradiado, porque se já o fui peço-the que
 guarde a importancia em seu poder. E ao
 mesmo tempo the peço tambem que me soli-
 cite o meu abastado de quite, porque de uma
conarias já cá tenho o meu quintão. Não
 quero mais.

Desculpe esta suposição (?) mas isto
 nada diz respeito ao meu amigo que igno-
 ro até se pertence a esta R.: Lj.: por ter

havido ha tempo qualquer coisa em que va-
garmente me falou.

Incluso the envio um cartão com a mi-
nha mercada aqui onde estou ao seu dispor.

Atteite um aperto de abraço etc. etc.

Lx.º - 20 - novembro - 1905

(a) José Maria Dias Ferrão.

N.º 136

Crmb.º - 24 - novembro - 1905.

Amigo João Brandão:

Recebi ante-ontem uma carta do nosso
Sr. Sr. José Maria Dias Ferrão que ha bastante
de tempo se acha em Lisboa e que ha uns
dias recebeu da Sr. Sr. Pro-Veritate uma no-
ta em que se lhe dizia para subnar, dentro de
certo prazo, marcado até ao dia 20 do corrente.
to, com uns pessos que tinha em delido.

Terceiro nosso Pod.º e Resp.º Sr.º que me mere-
ce toda a confiança, desde maio que não vol-
tou á Lauran, por isso só agora recebeu o
aviso dessa Sr.º que lhe tinha sido enviado
para esta vila; e não desejando que lhe apli-
cassem qualquer arb.º do Regulamento por fal-
ta de pagamento, immediatamente me es-

creveu, enviando-me a quantia indicada.

A este respeito, porém, meu caro amigo, devo dizer-te uma coisa: a quantia que cobrou indicada para o Ferrão pagar, era de 4.000 reis o que a mim me admirou pois que eu tenho sido encarregado sempre, desde 1904, de pagar as quotas a este nosso I.º e por um descuido meu, ainda lhe não entreguei os recibos. Como os possuo, ainda vi que, todos os meses de 1904, teve a quota de 80 rs. (creio que é a capitação) e os dois meses que ele pagou deste ano (jan.º e fev.º) não igualmente de 80 rs. cada. A sua dívida, pois, pois, a meu ver, de 720 rs. e não de 4.000 rs. como dizia a quota avariada.

Aumentaram a quota mensal desde março? Em março ainda eu pertencis á L.º; como pertenci até muito mais tarde e não me lembra que tal coisa se fizesse; se foi depois de eu abandonar os Arab.º; não tive eu conhecimento, mas quer antes, quer depois, parece que a L.º; deveria comunicar aos I.ºs que residem fora do val.º que lhes iam aumentar as respectivas quotas.

Isto, meu caro João, é o que me parece razoável. No entanto, o Ferrão, como deves ter conhecimento é um dos rapazes

que mais facilmente e mais valiosamen-
te se viram a suas: em Coimbra; e um
excelente caracter e não quere que se diga
que foi irradiado (se já o foi) por falta de pa-
gamento. Está pronto para pagar os 4.000 reis
e tanto que os tenho em meu poder, mas
a amizade que lhe tenho obriga-me a fazer
estes consentâneos e a pedir-lhe que veja o
que a tal respeito ha.

Desculpa o incommodo e trava-me do
assunto como tem que muito te agradecerai.

E, já que te incomodo, vê lá o que pe-
des a respeito do meu abestado de quite e
dos meus vales de 1.000 reis: se só eu é que
fico quite com a Loja: ou se a Loja: tambem
quere ficar quite comigo.

Disfraz porque do velho amigo etc.

(c) Selviano.

N.º 137

N.º Gl.º do S.º N.º do U.º

L.º B.º F.º

N.º Resp.º Loja: Cap.º Pro-Veritabe, N.º 240
ao val.º de Coimbra — Ao Pod.º Sr.º José Ma-
ria Dias Ferrão, simbo.º Denois Malon C.º B.º F.º

Sal.: de Coimbra, 11 de dezembro de 1905
(e.: v.:)

Pod.: J.:

Novamente vos instamos por esta ultima regataria-circular, queirais satisfazer a importância de 4.500 rs. relativa a quotas dos meses de março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, até ao dia 20 do corrente mês de dezembro, findo o qual prazo serão declarados em l.j.: incursos no art.º 286 do Reg.: Ger.: Todos os J.:. em debito.

Que o S.: J.:. do Univ.: vos aj.:

O Sen.: — (a) Pinard 29.: — O Secret.:
— (a) Priem, 18.:

N.º 138.

Meu caro amigo:

Recibi ha tempo a sua amavel carta que muito me pauchou. Creia que não esteu zangado consigo meu tempo de que e haviam de ser muito fortes as razões que quebrassou os liames da nossa velha amizade, cimentada já por tantas provas de estima e de elevada consideração.

Come-me pauchre no numero dos

seus verdadeiros amigos, e quando não
tiver nenhum comê - me ainda como certo.
Não lhe respondi porque não era preciso
dizer - lhe mais coisa alguma. Estava o meu
amigo sembar do negocio e com planos pode
res para fazer o que lhe aprucessa.

Porem, hoje, recebi a inclusa franch.⁽¹⁾
que já andou pela Leison e em face dela os
homens ainda estão levados comigo. São
terríveis. Colectam a gente assim sem
mais meu nome e agora ameaçam - me
a perio. Depois de tantas lutas e de tantos
trabalhos sem prof de nossa sup.: Ard.: não
quero ser probo fora do governo do Sup.:
Arg.: do Univ.: por caloteiro. Tenho o meu
amigo mais o encanado de liquidar lá
com os homens e de lhes dizer que ris -
quem o freguez que não paga mais.

Dê para aqui as suas ordenes e acci.
de um abraço do seu verdadeiro amigo
Lx.^a, 16 - dezembro - 1905

(2) José Ferrão.

⁽¹⁾ É o doc. anterior, n.º 137.

N.º 139

Perniche — 19 de dezemb.º - 1905

Meu caro José Solreal

Desculpe o incomodo. Os amigos de Perniche . . . são o que vê! Chegaram e começaram logo a dar massada. Tenha paciência.

O nosso José Ferrão escreveu-me de novo, enviando-me uma franch.: de Lj.: Pro . . . Membiraté na qual está novamente o descaufre por caloteiro. Ora, como você sabe, eu escrevi ao João Brandão e como até agora não me desse resposta, eu não tinha pago. Agora, já sei, fiquei encavacado porque o Ferrão ha de dizer que eu não trabalhei do caso.

Por isso, amigo Solreal, envio-lhe esse dinheiro para o meu amigo ir, quando poder, ao nosso ex-J.: Antônio (o litheteiro da estação) e pedir-lhe os recibos daquilo que o Ferrão deve. Guardará o que crescer e os recibos, se me fizer esse favor, mandava-me, para eu os enviar ao Ferrão.

Desculpe a massada?

Eu darei uma rosa áquella gente, mas me tem redipido e perurbancioso franch.: Tenha paciência com estas massadas e

diga o que quere dos amigos, isto e', do
amigo e Sr.: que actualmente se acha em
Perniche. Um abraço e manda sempre o
seu am.º de d.º etc.

(a) Belisário.

N.º 140 ⁽¹⁾

Meu caro amigo:

Muito obrigado pelas suas cartas e pe-
lo cuidado que tem tido sempre com os
meus negocios. Ai vai o requerimento que
nao sei se vai em termos lá para os homens.
Pego-lhe que tenha mais essa massada e que
liquide o que por lá houver.

Conte com um dia para mim quando
for lá vier. Sem tempo para mais, manda
o seu amigo certo etc.

Lx.º — 19 de Janeiro — 1906.

(a) José Ferrão.

⁽¹⁾ E' um bilhete de visita.

N.º 141

D'gl. do S.º D. do U.º
L.º B.º F.º

Vale de Coimbra, 12 de Janeiro de 1907 (e.º v.º)
Ao Pod.º e D.º J.º. Sacerdotal de L.º.º Pro-le
ritate.

Deubro de pouco tempo deve fazer tres
anos que a D.º L.º.º Pro-Scribabe resolveu
cobrar um empréstimo de 60.000 reis para
as despesas da instalação do Temp.º, amonbi-
navel deubro do prazo dum ano, por meio
do portico mensal de accões.

Passou-se o primeiro ano, o segundo
e em breve vai passar o terceiro; e das ac-
ções com que fiquei só umas foi pago conforme
me o empréstimo tomado pela Resp.º L.º.º

Mas, além disso, deu-se um caso que
eu já fiz notar e que agora de novo vos no-
to: é que, quando me foi concedido o meu
atestado de quito, pareceu-me que a L.º.º me
não confiou o documento para eu ter pago
umas quotas em delito e a importância do
proprio documento. Só assim a L.º.º ficou
quito comigo para cobrado ver que o ficar
verdadeiramente quito seria restituir-me
o valor das accões com que fiquei e que —

graças á minha boa vontade e á minha ingenuidade — não foram poucas.

Não quero importunar-vos mais b.: e
Pod.: b.:. Apenas expreho isto ao vosso bom
senso para que procedais conforme a vossa
consciencia e para que eu não fique sem a
quantia dispendida ha perto de tres annos.

Se o Sr. B.: vos aj.: e il.:

(c) Belizário Pinheiro, Alvalvares,
q.: 20.

Nº 142 ⁽¹⁾

Meu bom amigo. — Estou numa si-
tução desgraçadissima devido á minha falta
de trabalho sem ter pão para seis filhos e co-
mo tenho aí as grades para acabar de pintar
pedia-vos mais o favor, podendo, abonar-me
qualquer pequena quantia que eu satisfarei
quando aí se concluir o serviço em antes se
tanto for possível. Tereis desculpará mais
uma vez este desprotejido de parte. — Sou
de V. l.º. creado e b.:. — (c) Corba,:

⁽¹⁾ É um litheta de visita.

II

Dum caderno de apontamentos fei-
to dia a dia.

1907.

Coimbra — 9 de maio.

Ha tempos já — causa de um rião, se-
tanto — o sargento referido Pinto dos San-
tos que actualmente tem uma agencia de pu-
blicações na rua de Sofia e que foi do meu
tempo no 23, vítima por sinal de uma ma-
landrice do homem brabo, disse-me umas
coisas quaisquer, suspeitas, que cheiravam
a causas maçónicas.

Coumo o Pinto dos Santos é maçaco ve-
lho, como se costumava dizer, eu ri-me e fiz
que não parelli; mas o homem insistia e
tal ponto, quando eu por lá ia, que uma
vez, passando pela officina do fustileiro Ma-
deira, no Buemido de la Bandeira, chamei o
oficial que elle té tem o Francisco José Macha-
do, a quem nós, pela sua cabrice, chamava-
mos, no Pro-Seritabé, o "careca".

— Olhe lá, oh Machado! o Pinho dos Santos é maçom?

— O pargento Pinho?

— Sim...

— Que eu saiba, não... E lá da loja: com carbena, não é. Pelo menos, com o meu voto não entrava ele...

Ora, o mesmo Pinho dos Santos, ha uns quinze dias, passando eu no Sofia com o Floro Henriques, da loja: Parbysal chamou-me e quando entrava, piscou-me o olho, apontando-me para o tecto e disse qualquer coisa pela qual eu percebi que havia em cima reunião maçônica.

Palavra por palavra, saí com a convicção de que por cima da pequena loja duma porta só, se reunia a Loja: Patris.

Na verdade, ha uns dias que por ali estacionávam muito o Vasconcelos, o Buaristo José Berneira, o Ladeira, o Santalão e como um bofado antes encontrára um grupo deles em Samão, cheguei a concluir que se reuniam sob a vigilância do Pinho.

Conbudo, custava-me a acreditar porque me lembrava o dito do Machado e este Machado conhece muito bem os Reunidos.

Ora no dia seguinte, passei por lá, fingindo por acaso; o Reunido viu-me, chamou-me, e claro, e pôz-me tudo em pratos

tempos : a Loja: Sabris desmembrava-se, mercê da rivalidade entre esbudantes e feticas; estes últimos, reunidos, resolveram a scisão e fundar uma nova Loja: com gente seria e um pequeno numero para maior estabilidade; e ele, Pinho dos Santos, lembrou aos homens a minha pessoa.

Eu perguntei-lhe então :

— E quem é o Ven.: indigitado?

— Ao de ser o meu alferes, por Deus quizer . . .

Eu olhei para ele, muito surpreso; ele insistiu com o ar maroto que tem :

— É o que lhe digo.

— Bem, isso precisa pensado.

Contudo, comecei a estender-lhe um programa completo de acção maçônica que eu lhe muito tinha em pensamento; falei-lhe vagarmente na quase abolição do ritual; na assiduidade aos trabalhos; na abstenção de elementos determinados, como fios de uma rede lançada desafiadoramente sobre a cidade; na intenção boa e firme de se fazer pouca coisa, mas que essa coisa fosse boa e útil . . .

Ele ouviu; e, como finario, commentou :

— Pois o que se quer é um homem sério para esta causa . . . Pense o meu alferes

e responde, que é para a gente por cá regular a vida.

É assim foi que eu, indignado Ueu.: comecei a pensar seriamente no meu valor maçônico... Porque é que os homens me escoteram? Porque é que o benusino, quando me vê passar diz sempre a algum Ir.: que arbeja ao pé: "ali vai um dos bons?" e leva o seu entusiasmo por mim a ponto do Simbo dos Santos me dizer que, ao ver-me "abê se lhe arregalem os olhos!" Porque é que tomei para eles esta inferioridade?

Não sei. O que sei é que ao subir as novas ruas até minha casa, eu via-me já Ueu.: e pensava e peria nos discursos que teria que fazer....

Vanitas vanitatum! Omnia vanitas...

No dia seguinte procurei o José Sobral com quem entendi dever conversar a tal respeito; não tomara resolução alguma sem consultar esse meu velho companheiro de pontapés maçônicos.

Marquei-lhe e pedi-lhe conferencias dizendo-lhe para o que era; ele nada disse, calou-se, esperou a conferencia, porque sempre teria tempo para pensar. Guaris também bem falar ao Vasconcelos a quem perguntaria abertamente o que havia, pois receava

que tudo fosse simples ideia do Pinho e que não houvesse o assombamento geral, dado o qual eu só accitaria o cargo.

Em 27 de abril, fui a Lisboa, publicamente; as negociações interrumperam-se por isso, mas em compensação ouvi a meu cunhado Costa Ferreira o que no Gr.: Dr.: se dizia acerca da Loj.: Pabris.

Como, por causa da gráve académica, os estudantes pairam, os outros apantando-se pôs, começaram a reunir, comisteram irregularidades etc. etc. de modo que houve suspensão de Urab.: e talvez tivesse de vir uma reindiancia.

Tera esta a versão. E de aí a uns dias, meu cunhado, tendo ido ao Gr.: Dr.: e falado com o Cauro de Quadros, agora Gr.: Secre.: Ger.: de Ord.: este dissera que eu devia accitar porque seria uma boa solução para o conflito. A Loj.: dividir-se-hia e continuava tudo na melhor ordem.

Eu, de mim para mim, ri-me, porque sei quem é o Cauro de Quadros; e quem o não conhece que o conhece... Mas meu cunhado é, em muitas cousas, ingenuo e dá-me, ás vezes, a impressão de que acredita em tudo.

Em vista, porém, disso, escrevi ao Pinho dos Santos uma pequena carta em que dizia

que estava "por um trig," a aceitar o honro no convite e que quase podia caubar com a minha pessoa.

Sem mais nada, cheguei a Coimbra no dia 6 á tarde; e no dia seguinte, ante-hontem, tendo encontrado o Vasconcelos com o Floro, não quiz deixar fugir a occasião e charnei-o á barra:

— Amigo Vasconcelos, preciso falar-lhe!

Tornei abê á Sofia, e puz o caso bem ás claras: o Pinto dissera-me "isto assim assim," e eu queria perguntar o que é que pensariam os honreus a tal respeito.

Francamente, tambem; o Vasconcelos, respondeu:

— O respeito de sua admissoão, não he, sobre nós, duvida alguma. He tempo, faldemos no meu tempo e eu disse que o pondaria, mas o Pinto é que quiz esse gostinho e eu deixei-o. O caso, porém, não é esse, pois que o meu tempo é dos que não admittem discussões; o diabo é o peior.

E caubou o pequisito: na fabrica a maioria academica era evereue, de modo que os cabudantes nas ultimas eleições arranjaram as causas de modo que tomáram todos os cargos e aos fabricas apenas deram o cargo de 2.º exp.: que, como se sabe, nunca póde occupar o lugar de 1.º. Isto

é, os Reuueus não queriam que a Loj. fun-
cionasse sem espas e babinas.

Ora, ultimamente, como os estudantes
sainam de Coimbra, por causa da gráve, os
fabricas reuniram uma vez, com a presen-
ça de uns dois ou tres estudantes e fruen-
ditos pelo Vasconcelos por ser, como manda
o regulamento, o ob.: mais ambigo. Irri-
ciáram um Reuueu, creio que ele disse por
o Nicolau de Faurer e profuseram outros
e participáram ao mesmo tempo para
Lisboa o que se fez, como é regular.

Vieram, param, em abril, os rapazes pa-
ra a abertura das aulas e os estudantes re-
proubaram com tais factos. O Vas., que
me não lembra quem é, escreveu para o
Faurer e quando foi a Lisboa disse tais cou-
sas que veio um telegram do Gr. Dr.
para se suspenderem os trab....

E arrim, por um mal entendido que
em não sei qual leu, no Gr. Dr. julgá-
ram que os fabricas reunindo-se, proce-
deram irregularmente; daí o caso triste
e nefando da suspensão dos trab. e que
deixou sem resposta o Vasconcelos. Este re-
clamou de cá e ... nada!

Disso tudo, veio a ideia de peças e
da fundação duma nova Loj. com gubér-
neria e na qual se não admittisse nenhum

estudante e a ideia de minha admisión na
nova Loja.

No dia seguinte, ondem, fui ten com o
Pinto; de novo lhe perguntei pela unanimi-
dade da minha admisión e principalmente
ascença ao mestre; e de novo ele me re-
puz que de todos eles nenhum servia para
Veu.: pois eu; que o Vasconcelos é muito
bom rapaz, muito serio, mas que o não
querem a governar o barco porque "se fêla
por não fazer nada" e, finalmente, que to-
dos me querem sem discrepância alguma.

. . . Subi para casa convencido de
que tinha de ser Veu.: custasse o que custas-
se, e dar assim um exemplo de quanto
póde a modestia . . .

Coimbra — 12 de maio.

Nestes dias, procurei ao Vasconcelos
e ao Pinto dos Santos que escreveria a meu
cunhado, procurando esclarecer o caso para
ele lá ajudar a solução. Só hoje, porém, o
fiz no seguinte termo:

N.º 143

Meu caro Cordeiro: Como lhe cometi, fui
convidado para fazer parte de uma nova
Loja: pois que se deve fundar com os

não-acadêmicos da Loj.: Fabrica e do qual sou o persombivo Morb.: Sen.: Tenho procurado obter a informações mais certas da causa do conflito: é, no fim de contas, o velho casus-belli das Loj.: soude ha o fabrica e o estudante, mas acrescentado com informações falsas enviadas por alguns acadêmicos para o Es.: Dr.: que, me parece, produziram ai um mal entendido. Quero acreditar que fosse um mal entendido; e isto para não acreditar antes que fosse mais algum jogo do muito conhecido Tavito de Quadros que Deus guarde e sobre o qual o S.: D.: do U.: me livre de lançar a mais pequena suspeita.

Quere-me, no entanto, parecer que os meus não deixam de ter razão, ou pelo menos alguma; e sobre os papizes que formavam a maioria acadêmica — que como você sabe são aves de arribação que nem o meu recinmento de pagarem regularmente Teim — e o Vasconcelos, o João Machado (escultor) o Guarindo Berneira e outros, eu inclino-me mais para estes que são gente seria e que julgo não me terem mentido.

Não julgue você agora que eu já estou a fazer o jogo para subir a Sen.: Não me reduz muito tal hora, pois acima dessas horas e dipuidades e desejo e adoro... o meu pocego e que me não marrem.

Esba é a verdade. No entanto, jurei
aos homens escrever-lhe; eu nada quero com
o Fausto a quem muito juro e amo, por
isso lhe escrevo, para ver se você lá desentender
lha esta mesada e tudo avança pelo melhor.

É que o S.: N.: do U.: lhe dê deudas com
fabura. Um alreço, etc. etc. (2) Silvario.

At' tarde, passei pela loja do Piuho dos
Santos. Mostreu-me ele uma carta para o
Fausto de Quadro: era uma carta terrível
em que lhe dizia que os fabricas eram, ao
menos, dignos da consideração de uma respos-
sa, coisa que até agora não tiveram e lem-
brava-lhe que eram os fabricas os únicos que
trabalhavam e que pagavam; que se ele fosse
aos livros da Tesouraria, lá veria quem fi-
zera as ~~as~~ quotas em dívida, etc. etc. uma
tremenda descompostura.

Vamos a ver o que põe.

Coimbra — 16 de maio.

Logo de manhã, seriam pouco mais de
8 horas, o Piuho dos Santos, chamou-me pe-
lo telefone. Eu estava ainda a dormir, de
modo que só lhe falei pelas 11 horas.

Alegremente deu-me parte de que re-
cebera uma carta do Fausto em que dizia que
breve tinha de vir a Coimbra com o Gs.: Mont.:

que agora é o Magalhães Lima e cá resolve-
ria tudo pelo melhor...

A tarde, lá estava para ver o preciso do
cummento: era um lithebe grande em que pe-
dia inmensas desculpas de não ter respondido
logo, mas que tem tido que fazer; dizia que
no seu tempo nunca houvera questões en-
tre fabricas e estudantes; mas como em
breve teria de vir a Coimbra com o Gr.: Merb.:
cá falaria com eles e resolver-se-hia tudo
como melhor poderse ser.

O Pinbo estava satisfeito pela posse do li-
thebe; e o Vasconcelos exultava por o Gaus-
to vir com o Gr.: Merb.:

— Bahes, as oia, mesmo deante do Gr.:
Merb.!

— Ahre malandros... acrescentam o
Pinbo.

Coimbra — 18 de maio.

Hoje voltei a loja do Pinbo do Santos,
com o Floro, para trazer o livro «As mi-
nhas razões de João Chagas.

Seubei-me um pouco e ele contou-
me que alguns estudantes do Loj.: Pabris
tinham lá ido pedir para serem admitidos no
novo quadro, que não queriam ficar com os
outros. Respondeu a todos que o resolvido
era não admitir senão deis que eram perios

mas que se não queriam mais capas e bati-
mas, além dessas.

Disse mais que até o actual conservador
de comarca que é cunhado do Dr. Nassis Tai-
xeira e cujo nome me não lembra ⁽¹⁾ queria
subir. Eu disse logo que não queria lá tal
cavalheiro, o que o Pinho também aprovou.

Nisso subiu um commerciante de panos
da Sofia ao qual não sei o nome e que fez
parte do novo quadro; appareceu o Evaristo
Bernesira; e, á puridade, foi-me dizendo
que todos estavam muito animados com a
minha escolha e que tudo ia ás mil maravil-
has. Apenas o Vasconcelos...

E disse quase ao ouvido:

— O Vasconcelos é que faz esta trapalha-
da, com o fim de ficar com o pucheco, per-
cebe o meu alferes?... Mas é que nós car-
teremos-lhe ás voltas e eu disse a alguns: o
Vasconcelos não nos perue! morre por não
fazer nada! vamos nós dar o pucheco a F.?
E olhe, meu alferes, que todos disseram logo:
Serue-nos! é um homem de caracter!

Eu, modestamente, curvei a cabeça...
Mas o Pinho abalhou logo:

— Nada, nada! não é necessario man-
dar-me presente a casa, por isto...

(1)

O Pinto anda entusiasmado com a causa; mas é preciso cuidado com ele...

Coimbra — 31 de maio.

No dia 27, o Pinto dos Santos, telefonou-me, á noite. Disse-me que estava cá um alferes Oliveira, de Leiria, em que já me tinha falado, que queria conversar comigo, combinar causas.

De modo que, no dia 30 saí e fui á loja dele onde esse alferes me esperava. É um rapaz novo ainda; tinha sido aqui, no 23, 1.º sargento, e foi para a Africa como alferes de onde veio ha cerca de um anno e agora, em Leiria, quer fundar um triangulo ou, pseudo jossinel, uma Loja... mas... É falador, de gestos pacudidos, não desagrada, mas pareceu-me que tem muita pressa nas causas de que vinha tratar. É destes sujeitos que julga que tudo se deve arranjear depressa e que exige celeridade como a um pelotão exige firmeza.

— Ou sim ou papas!

Disse-me que em Leiria tinha alguns amigos, entre eles um sr. Gaudencio Pires de Campos, farmacutico e um sr. Palms, comerciante, que levam « meia Leiria a tras de si » e que são republicanos. Que eles andam sempre a perguntar-me

— Então isso?

E ele já não sabe o que ha de dizer nem responder. Veiu pois expôr-me o caso para eu proceder.

Confesso que dispensei a honra, mas quizebi escrever ao Cordeiro Ferreira pedindo uma resposta decisiva acerca do caso da Loj. Fabris de que dependia o triang. de Leiria. O homem, não sei bem o que queria mas pareceu-me que não ficou muito satisfeito com esta minha pacata intervenção.

Que diabo querem elles? Aquella grossa é causa que eu não percebo, assim como, ás vezes, um subútilismo curioso do Pinho dos Santos. Já não são rapazes, já não são com pontas, que diabo!

Assim, resolvi escrever a meu cunhado.

N.º 144

Meu caro Cordeiro: De novo volto á carta. Oh! quanto custa a celebridade!... Fui ontem procurado por um alferes de Infantaria 7, de Leiria, Antonio de Oliveira, que veio a Coimbra saber em que parava o affaire Macomique Fabris; quere fundar na fabris de Rodrigues Lobo um triang. com o maximo, isto é, seis hectares, filiado na massa nova Loj. para depois subir ás honras duma Res-

Sua guerra! que course tão extraordinária,
aquele ardor e aquele zelo me comico!
Nunca vi.
Não gostei.

Coimbra — 4 de junho.

Vou escrever ao meu antigo condiscipulo e amigo Antonio Lopes Rebelo de Andrade;
penso que não sei quem são os honrados de
Liria.

Esse Andrade parece que não sei quem é, não
deve haver grande duvida.

n.º 145

Meu caro Andrade. — Tive meubno dia
noticias suas pelo tenente do seu regimento
Saborda de Azevedo e Costa e ha que tenentes
que não sei de ti!

Mas vamos ao caso: vou hoje pedir-te
informações de uns teus fabricios. Como po-
des calcular, isto é confidencial e peço-te a
maior franqueza. A razão do pedido é mes-
mo dizer-te de viva voz, embora calcules já
qual ela seja.

Os honrados são: Gaudencio Pires de
Campos, pharmaceutico; — Vito Larcher, nota-
rio; — Barreto, professor da Escola Indus-

trial ; — Palua, comerciante ; — Segueira, idem ; — Ambrosio de Oliveira, alferes do 7 ; — e Amaral, creio que caixeiro viajante.

Poderás tu dizer-me qualquer coisa a respeito destes senhores ? Muito favor me farias e podés ter a certeza — porque me conheces já — que a tua offirmação, por mais franca que seja, será de absoluto segredo.

Desculpa e manda sempre, etc. etc. (a)
Belisário.

Coimbra — 5 de junho.

Ontem á tarde, conseguí encontrar o José Solval ; sem grandes preambulos expuz-lhe o caso e elle pareceu-me fugir com o rabo á peruiça. Chegou a dizer-me :

— Se você precisa de mim, esbau ás suas ordens.

Mas como lhe objectei que o caso não era bem esse, elle ficou de pensar.

Na verdade eu queria — o para crader.

Vamos a ver se o consigo agarrar.

Coimbra — 6 de junho

Ontem, o Pinho dos Santos chamou-me para me mostrar uma carta curiosa do Fausto de Quadros. Respondia, finalmente, mas sem, afinal, responder . . . E no fim

lançava - me uma birra muito amavel...
 Julgará elle que eu vou pela vaidade?

Coimbra — 7 de junho.

Recebi a resposta do Andrade á minha
 carta de 4 deste mês.

É uma curiosa carta:

N.º 146

Porto — 6 de junho de 1907. —

Meu caro Belisario — Escribi-me
 risimo as tuas noticias que ha muito tem-
 po não chegavam, ainda que o primeiro
 culpado fosse eu.

Porbo isto passarei a dar as inferen-
 ças que me pedes de que farás o favor de
 não fazer uso, tomando-as só para ti.

Gaudencio Pires de Campos — farusceu-
 tico, presidente ou antes chefe do partido
 republicano em Leiria, por vezes orador e
 mesmo escriptor, rapaz que tenho como in-
 teligente e serio; e ele é impellido uma
parcaria feita com um diuheiro da puer-
 sal do tiro civil em Leiria. Descobri o
 fundamento dessa accusação. O don chefe de
 familia e é cunhado do João Brandão de
 Carvalho que tem uma farmacia na Calçada

junto ao Arco de Almeida, aí em Coimbra.

Vito Lancher — notário e escriptor de direito. Onbem regenerador, regenerador-liberal e hoje republicano. Proprietario e director do « Leiria Ilustrada » (órgão dos partidos avançados da minha parochia). Homem muito trabalhador, muito filharento, com frequências a historiador e, segundo afirmam, muito cheio de dividas o que attribuo á imensa familia que possui.

Barreto — professor da escola manual e não industrial como dizem. Barbeço pouco do seu oficio por estar ha poucos annos em Leiria. Sei, no entanto, que é considerado como professor competente e homem serio e muito doente.

Palma, commerciante — Desconhecido.

Sequeira — commerciante, proprietario, pentheiro da casa onde habita minha familia. É homem de quem pouco posso dizer. Ha poucos annos foi para Leiria, meubou uma padaria com a qual tem feito bom negocio, possuindo já alguns annos de seu. Homem trabalhador e emprendedor.

Arboreiro de Oliveira, alferes do 7 — Caraculista desconhecido por mim mas que pelo nome, julgo ser um que foi colocado naquella regimtao quando eu lá era ajudante interino. Lembro-me assim de um

castigo que li na folha dele e que por inbarras
 tambem me ficou de memoria. Diz assim:
 Repreendido pelo Governador Geral de Ingo-
 la por viver em comun com pade (!!!) mu-
 lheres, prebendo por meio destas anga-
 riar ainda mais (!!!!). Não sei se con-
 dere isto como castigo ou se o tem como
 um leuôr á pimenta de que é pecher. Re-
 pito: não sei se é ele, pois apenas me re-
 cordo de que o tal era Oliveira.

Amaral - caixeiro viajante. Não co-
 nheço e supponho não existir. Conheço, sim,
 um Amaral, caixeiro da casa Leitão & C.
 Será esse? Na conversação de que acima
 acabei de dizer que ele e um outro irmão,
 sendo caixeiros duma casa commercial de
 Leiria, estabeleceram-se por os melhores au-
 fícios. O negocio corria bem e eles, ambos
 rapazes novos, parece que só deitavam cau-
 tas ao dinheiro que ganhava e não ao que
 tinha que sair, de maneira que, supponho,
 pozeram-se ao desafio a ver o que gastava
 mais. A breve trecho, o resultado não se
 fazia esperar: uma quebra que, julgo, foi
 classificada de fraudulenta. Resultado:
 um foi para a terra e o outro ficou em
 Leiria a quem se veem juntar um irmão
 mais novo sendo ambos empregados da já
 referida casa Leitão & C.

tais as informações que poderei dar são completas quanto ao começo, por ignorar o fim que tens em vista. Como, porém, as minhas esbadas em Leiria são sempre de muito curta duração, pouco ao facto do teu da vida meucotama que lá se goza e do indígena. Melhor, pois, será convenientemente não as tomares como verídicas em toda a accepção da palavra.

Atiraça-te o teu amigo etc. — (a) Andrade.

Cóimbra — 29 de junho.

Durante um tempo que passei em Miranda do Corvo — até aubá-aubem — de nada soube nem quiz saber acerca das negociações da nova Loja. No campo não se trata de causas perias...

Orbem é que, encontrando o familiar Francisco Machado, no rua do Visconde da Luz, a conversar com o Martins Fernandes, ele disse-me:

— Acabo de dizer aqui a este moço J. que ainda o não tinha encontrado, parece-me desejava dar os parabéns...

— Porque?

— Porque sei que lhe foi oferecido o meu thebe de uma nova Loja. E quando me dis-

eram, estava eu com o Alcantara e logo
 continuámos, desde que a Loja: estivesse im-
 talada, passar para lá. O Alcantara ficou
 logo todo contente e eu... quando o Pinto
 dos Santos me disse que era o sr. alferes...
 ia dando um pulo! E temos de ir para lá.

— Oliripado, Machado.

— É que nós só queremos estar com
 gente de caracter.

— Ah!... bem né, Machado...

— Deixe-se de coisas!... O que se
 quer é gente de caracter!

E subindo até casa, elle veio contan-
 do-me cousas, sobre ellas que um policia
 da secretaria (um bufo) lhe tinha subornado na
 loja de ferrileiros que é na Avenida de Sá de
 Bandeira e perguntado se sabia onde era
 uma loja: mas: que havia naquela rua. É
 claro que respondeu com evasivas, mas o
 Vaccellos disse-me já que na verdade an-
 da sempre um policia ao pé da casa onde foi
 a loja: fabria, na rua da Avenida, e na
 rua de Montarvois onde ha uma porta de
 comunicação que servia para a subrada dos
 prof: que se desmanchavam assim com a
 insolita descida de quase com degrãos.

Ha, pois, rigor, ou pelo menos algum,
 com as Loja: mas: . Eu descobri muito
 do Enxerto de Miranda que parece de secreta

rio particular do actual governador civil.

Mas o bom Machado, despedindo-se, ainda novamente insistiu:

— Sempre ás ordens e lá me tem!

É uma gente dedicada e segura; depois, pão carbonarios e erbas em Coimbra pão em numero superior a cem. É, pois, com para agradecer.

Valença do Minho — 1 de agosto.

Lancaram-me até Valença do Minho; equivale isto a dizer que nada sei de Urab.: mas... Esboce aqui desde 12 de julho e apenas escrevi, ha dois dias, uma carta ao Alcantara.

Eu quiz despedir-me dele e agradecer-lhe o oferecimento que ele me fez para passar para a nova Loja: se eu fosse o veneravel. Em Coimbra não tive tempo de modo que lhe escrevi amavelmente daqui.

Valença do Minho — 10 de setemb.

Deuben, ao chegar de Vigo, á noite, encontrarei uma carta do Alcantara, agradecendo a minha.

Parece-me por dos bons.

Que, de resto, a gente neste mundo não faz penão enganar-se...

Valença do Minho — 11 de novembro

Recebi hoje, pelo correio, a seguinte carta do Pinho dos Santos que veio adivinhar uma questão que eu já julgava morta:

N.º 147

Crimbra — 10 de nov.º — 1907

H. ^{meu} Lee ^{meu} Tom. Belisario Pinheiro — Meu ^{meu} Lee. e Brazado Amigo — Já deve ter recebido o livro Parbucenses Ilustres, ido do Pinho da casa Chandron. Recebeu? Já para a Terra das arrefadas não veio nem era preciso porque daria perca ao velhote:

"Pabria, agorriente, muito mesura, coitadinha. Remeto ao Rod.º. Br.º. Van.º. da nova Loj.º. a carta que recebi de Lisboa, a copia da que mandei para a mesura, e uma carta que recebi de Leiria do alferes Oliveira, e vou me lembrar dizer-lhe o que escrevi ao mesuro segundo consta do meu copiado.

« Sr. Campadre e amigo etc. etc. causas.

"Quero saber, para comunicar aos meus
"amigos, a razão por que o Vasconcelos é vo-
"tado ao obstacismo sem o que nada feito. Se
"é merecedor, vá, se é inbriça quero des-
"mancha-la. Sempre fui leal nas minhas
"causas e ~~mesura~~ fizeo-me de ser homem
"de bem e como tal não quero praticar patri-

"farias. O que está na Loj. Pabria que daus
 "laja é o Gr. Dr. Espanhol para aude tal-
 "vez vá com os meus amigos, etc. etc. etc."

Fiz bem? Veja se para cá meu depresso,
 e já hoje pelos fios perguntei ao Sr. seu Pai se
 vinha. Por aqui tudo me parece, etc. etc. de
 D. Lu. ab.º, etc. — (e) N. Dinco dos Santos.

Juntos, vinham os documentos a que ele
 alude e que não segundo a ordem cronologi-
 ca.

N.º 148

Gabinete do Gr. Secret. Ger. — 26 de au-
 guto - 1907.

R.º. Tr.º e Unip.º:

Por decreto de antes de aubem que pro-
 puz ao Caus. da Ord. e ao Gr. Mash. foi le-
 vantada a suspensão á R.º. Loj. Pabria voltan-
 do assim todos os seus olheiros ao pleno gozo
 dos seus direitos. Nestes termos, póde a Loj.
 desde já reunir e deliberar devendo proceder
 a eleições, nos termos da lei, dos seus repre-
 sentantes á Gr. Loj. Constituinte que abre
 no 1.º de novembro.

Tambem todos os coler. da Loj. Pabria
 tem agora direito a dois grãos gratuitos, nos
 termos do decreto n.º 42 de 31 de agosto ultimo.

Propuz o levantamento desta suspensão atendendo a que os tribunais mmaç.: não funcionavam e assim, o processo estava sendo deurado com prejuizo da Loj.: Pa-
tria e dos olereiros suspensos, e tambem para que estes se possam utilizar dos grauos gratuitos e não percam o direito de representação á Gr.: Loj.: Constituinte.

Acabo tambem de propor ao Conho.: e ao Gr.: Mesb.: uma amnistia geral para acabarmos de uma vez para sempre com esta porcaria de processos e começarmos vida nova com as novas leis e Constituição.

E' preciso acabar com estas lutas e dissenções mesquinhas que só servem para nos desgostar e impedir o progresso da Maç.: Sobre a amnistia ha, parece, dificuldades porque certas lojas dela não gostam.

Pede-lhe que comunique isto aos nossos Hr.: do Patria.

Creio ter assim provado mais uma vez que me não moveu, nem moveram, nunca, inimizades para com os meus amigos Hr.: do Patria que aqui sempre tenho procurado defender. Mas nem todos assim o veem compreendido, infelizmente.

Um abraço frat.:. . Todo seu — (a)
Fausto de Quadros.

N.º 149

Coimbra - 27 de outubro de 1907

Pod.: Ir.: e Respeitabilissimo Senho. —
Saude e Fraternidade.

Atueo recebido o prezadissimo favôr da
sua carta é qual deuto de aconhada inteli-
gencia que possuo vou responder com a le-
aldade que caracteriza o meu proceder.

A Resp.: Loj.: Patris não reune meu já.
mais reunirá sob a presidencia do Sen.: Ver-
gilio Negrão Calado, isto com os elementos
civis que somos nós, os pagantes.

Nós, os desidentes, podemos e temos
belos elementos para organizar uma nova lo-
ja que fará um pouco mais do que o que
tem feito as que são constituidas pelos acade-
micos e para isso só precisemos:

1.º: que os trabalhos de iniciações que
se procedem durante a ausencia da Academia
sejam considerados bons e validos para todos
os efeitos;

2.º: que o prejuizo causado pelo sucerra-
meio dos trab.: na parte relativa a aumen-
to de salario a cada Ir.: seja remunerado au-
tes dos ggr.: gratuitos em perspectiva;

3.º: que, se deha fazer abuzismos,
como abuzem, muitos Ir.: o gr.: 18.º, a

Loj.: se torna, por esse facto, Loj.: capitular.

Nós não exigimos que os academicos sejam vexados por qualquer penalidade, nada disso; queriamos unica e simplesmente uma satisfacção e que é expressa no que acima deixo dito.

Como disse já a V. Ex. pessoalmente, nós Ir.: da Resp.: Loj.: Patris sob minha proposta, lançámos já as bases para uma caixa = Providencia = com todos os requisitos precisos para ser uma instituição sua: na formula, em que já contámos com cinquenta annuencias. Esta caixa servirá para auxilio mutuo; as quotas são de 1200 rs. Formamos assim essa sua: eclesiastica que a nosso ver, visto nada, absolutamente nada, haver de dispendio, se servirá de utilidade geral, visto que a quota será sempre propriedade do Ir.: que a poderá legar a quem quizer e o rendimento total será empregue em instrução, beneficencia, ou outra qualquer iniciativa que os seus corpos gerentes, autorizados pelas assembleias gerais, julguem justos e uteis.

Nestas condições, já V. Ex. pôde ver que sem pouca difficuldade, nós podemos, sómente sobre a classe commercial e artistica, escolhidos sobre os melhores elementos, for

mar uma caixa, uma loja ou o que qui-
zermos, porque não vamos para ali com
o fim de papaguear, mas aplicar toda a
nossa boa vontade e esforços para chegarmos
a uma conclusão altruista o que até hoje,
infelizmente, se não tem dado.

A nossa casa terá como vir: todos os
indivíduos aproveitáveis no commercio, no
exercito, nas artes, nas industrias, na poli-
cia, no ecclesiastico, enfim, em tudo, de
maneira tal que em Coimbra se não faça
nada que nós não tenhamos conhecimen-
to; eu, pela minha parte, cuidarei todos
os esforços para a realisação desta obra de
caridade, auxilio, propaganda de instrução
e amor civico.

É sobre esta parte mais nada.

Não julgue V.tee. que tenho procuração
dos nossos Irs.: para apresentar o que digo;
não os consultei para lhe escrever e não os
consulto porque me não julgo apto para re-
ceber communicações daí, tendo o simples
grau 2º, quando é certo que os ha com o
grau 18º, Irs.: pobres que têm prestado á
Maç.: Portuguesas grandes serviços e que a
meu ver não podem, por principio algum
ser exauctados por mim.

Convinde ao Gr.: Dr.: as proposições que
deixo exaradas parece de justiça que se di-

rijam ao Pod.: Sr.: Horacio ou Caudarcel para liquidarem a questão, servindo eu de traço de união entre todos que felizmente me consideram e vêem em mim qualquer coisa que eu não possuo.

Esperamos aqui brevemente pelo novo Pod.: Sr.: Belirario Dimas que será o novo Sr.: visto não haver aqui quem nós queiramos para aquele cargo.

Quanto á amnistia, nós não precisamos dela para efeito nenhum porque não cometemos nem praticamos acto algum que precise de clemencia.

Quanto á integridade, se V. Ex. se temido, também eu tenho sido um padre; não obstante caminho sempre para a frente confiando na minha dignidade e trabalho honrado.

Termino agradecendo profundamente reconhecido a consideração que se dignou dispensar-me fazendo-me a comunicação que fez, esperando confiado em que V. Ex. veja em mim um homem dedicado e pronto para qualquer recado que um dia necessite em Coimbra, etc. etc. (a) Pinho dos Santos.

N.º 150

Leiria - 6 - novemb.º - 1907

Confidencial. - Compedre e Amigo.

De volta de Lisboa encobrirei a tua carta e o teu azedo postal. Antecipei uns dois dias a ida para passar por S. Martinho e Baldas e por isso recebi tudo hoje que me affresso a devolver conjuntamente com outra correspondencia que tinha cá, para que não julgues verdadeiro o teu juizo de eu desajar ser... (inimbelizível)... seja de quem for.

Posso isto e devolvida a pilula, vamos a conversar e vou ver se posso corresponder á tua franqueza e amizade.

Deves ver se se juntam e combinam o formar uma Loja: a pós, com os estudantes completamente de lado. Se assim lhes couvier, é preciso não contar com o Vasconcelos também, convido assim, diz que eu vou lá tratar disso para o que tenho plenos poderes para arrumar a questão, nestas condições, ficando com uma loja: mas a todos os respeito.

Deves talvez aproveitar o material da fabris sem se fraudarem com o que lá está que é irregular.

Consulta particularmente a todos, meus
meos Vasconcelos, se concordam nisso, nada
perdem, pois que aproveitam os graus gra-
tuitos que está havendo. Tudo muito confi-
dencial e apalpatado como quem não quer
a coisa.

Um grande abraço etc. etc. — (a) Sr.
Tonio de Oliveira.

Confesso que não compreendo muito
bem... Que diabo de herbaria haverá
aqui?

Lá a carta do Fausto, compreendo; a
do Pinho, em resposta, também: querem
comer-se um ao outro; mas a do Olivei-
ra... que diabo!

Aquella carta do Vasconcelos de fora...
Assim que eu depois responderei ao Pinho.
De novo volto a per o indigitado Ven... e ao
seu tenho de começar a mostrar que sou
capaz de fazer aquilo que já tenho exposto
aos haueus.

Vou ver se acabo com essa ambição de
graus, de capitulos, causas que nada va-
lem; e ver se termino também com esse
processo de reponbar que é um das feições
da nossa mes... .

Conseguirei em alguma coisa? Volto
de novo a pensar nisso; terei em mãos ma-

quele que se e farei alguma coisa delas, pondo de parte aquella retórica curiosa de que se servem para exprimir aquilo que... não fazem?

Vamos a ver. Este malhete de Veu... vem a talho de foice, agora que eu me sinto perfeitamente desligado dos sagrados deveres para com o Altar e o Trono... Mas... adeante.

Valença do Minho — 14 de novembro.

Vou escrever ao Pinho dos Saubos, para responder á consulta que fez, parece, a todos os Mr... Quero significar-lhe: o maior desprezo pelas questões dos grãos; a maior relutância em questões pessoais; que não aprovo todas as condições que querem impôr ao Gr.: Dr.:; que extranho que o alferes Oliveira que nada tem cunhados, aude tão abusivamente em auxiliar-nos, etc. etc.

Vamos lá a ver:

N.º 151

Amigo Pinho:

Recebi a sua carta e os documentos juntos que achem devolvi. Só hoje respondo porque, apesar disto aqui ser uma fazenda, só ontem tive occasião de, com vagar,

ler e reler a papelada, para poder conscienciosamente responder-lhe.

E assim o vou fazer, visto que me que-
reem ouvir, embora nisso nada ganhem.

A carta do Fausto está bem; é percepti-
vel á vista desarmada. Abre-se, abê, lo-
go, ajeito porque sempre me esforcei para
acabar: a lêria dos grãos. Nos termos de
circular tal, do decreto de tal, de não sei
quantos de tal, etc. a tal, os JJs. podem
subir uns feios na escala complicada da
Ordem mea: e sede incessantemente se-
jára a Igualdade. Pois bem: para mim,
muito sinceramente, esse decreto não de-
ria ter força alguma; esse decreto não deve-
ria ser mais considerado que as circula-
res sobre o padrão de uniformes o são pela
nostra tropa...

Para que diabo servem os grãos?

De resto, a carta do Fausto está bem; é
um pouco abê diferente no modo e na in-
tuição das que tenho visto dele.

Quanto á resposta que o Pinto mandou,
deverei observar alguma coisa visto que fui
desbinado (e pelo que vejo continue a ser
desbinado) para Julio de Vilhena, salvo seja,
dessa intrincada situação.

A resolução dos JJs. desejados não
quererem reunir sob o manto do Venera-

vel talado, não me parece má; eu não tenho já been presentes os factos que debem meinar a natureza de hospitalidades, mas no subrebanço não fica, eerbamente, mal a ninguém o querer conservar uma abitudine creante. Isto, bem vê o Dinho, não sebra na minha alçada; o que já pôde entrar — visto que tem mais em meus consequencias futuras — é a triplice condição para se organizar nova Loja.

A primeira tem está; mas a segunda... lá vai recair na eterna questão do aumento do salario, do adorno das fitas, da grande espectacularidade da liturgia, e de que eu reprovoo. Cuidades dessas, com o meu voto, não se impunham.

Isto é a minha maneira de ver, franca e, acima de tudo, desfrida de interesse. Mas, vamos recair na banalidade das obras floj.: que passam a vida a dar esta linhos e a questionar insignias; se vão decididos a trabalhar — o que creio e quero se decidasse não aceitavo o meo thebe — ponham de parte essas pequenas causas, pegue o pão, e sejam mais fructuosos. Eu não accito, de hoje para o futuro, um gr.: a mais que seja; o 18.º que eu tenho foi arranjado de combulhada... e se não fosse isso, nunca pediria para pag

par do 3º. porque a vaidade que não era
necessario mais.

A terceira condição vem a ser, pois,
uma consequencia da segunda; e o que
disse para elle, disse para esta.

De resto, acho bem que nos saibamos
impôr; o que o Pinho diz ao Fausto esta,
mais ou menos, na logica dos factos; mas
sejamos razoaveis e não vamos ás do calto
por dá cá aquella palha. Meu pouco de mes-
quice por sobre uma fereza rende de dizer,
não fica mal; e, que diabo! não sejamos
vão escarnados. Ebo, lá em cima, comem
a palha bem; o caso é passarem-na dar.
E, com franqueza, este nosso feitic do re-
pontar, de par terço, tem os seus defeitos.

O Pinho, ao ler isto, terá já dito e per-
guntado se Casadereis 3 que terião já mudo-
do. Não, não me mudáram e eu estou
na mesma, até talvez mais afinado.

Mas ás vezes...

Fique-se com esta, que não vai mal.

A respeito da carta do Oliveira e do ca-
so do Vasconcelos é que eu nada compreendi.
di. porque não conheço o assumto; no cui-
tanto percebo que he intriga; sei cossa que
o valha, para pôr fóra o Vasconcelos e con-
tarmos que caso não pôde ser. Respondeu
segundo a minha opiniao: peço alle, nada

feito. E' assim mesmo, foi a unica resposta.

Embriagada? Este mundo! este mundo!...

Pois é isto, amigo Vinho: nada de filitias a preoccupar o espirito porque ha mais que fazer; nada de escarnações; nada de pôr de parte o compadre das concellos; e... cuidado com o mundo. Tenho vivido meus nos do que o Vinho no globo terrestre; mas muito mais no mundo meo, com a agravante de ter «memorias».

Cuidão, mucho cuidão!... como dizem aqui o vizinhos galegos.

Eu cá me subendo.

Figura-se com estas, que ás vezes um referendo necessita de uma recumbasinha como qualquer quinto...

E por mais. Recorre-me ao das concellos, ao bvarialo, etc. e vá contando o que houver.

Mas, quanto ao Oriente Espanhol... a avalia-lo pelos caminhos de ferro que eu aqui tenho á porta, que andam a onze quilômetros á hora e mais parcos, deve ser coisa, como eles dizem, mucho recal citante...

Sejam os patriotas. Fronteiras a dentro e... tudo se ha de arranjar.

E agradeço - lhe, retribuo - lhe o abraço como amigo etc. etc. — (a) Felisario Pinheiro.

Valença do Minho — 15 de novemb.º

Onbém, já depois de mandar deitar no carneiro esta ultima carta, recebi uma sobre do Pinho dos Santos:

N.º 152

Coimbra, 13 de novemb.º de 1707

Meu Rod.º Fr.º e valeroso Muniço — Saude e Fraternidade.

Liquidade está o negocio da Tabaria; por este motivo, no sabado, reunie a nova loja que se chamará a Redenção para eleger os seus corpos gerentes dos quais como Vou.º vereis o 1.º e na interinidade o 1.º Vig.º fará o seu dever.

Espero dever - lhe a especial finca de me autorisar por escrito para o regularisar e ao mesmo tempo autorisação para ser votado.

Useia de fressa, deixe lá as esparilhas e bem de fressa, que para nós barbantes preciso é.

Do mano que julgava bom para order, seria bom manda - lo ver comigo para

Também se arraijar tudo, mas faça-se isto que bem preciso é.

Seu tempo para mais, etc. etc. — (a)
Pinho dos Santos.

Tudo arraijado. Mas como? Exarbitramos? Os cursos far-se-hiam como eu quero?

Mas vamos lá responder ao homem e tratar de tudo o que ele pede.

Em primeiro lugar, a autorisação já escripta para a regularisação.

N.º 153

D.º Gl.º do S.º Arch.º do U.º

L.º B.º F.º

Cal.º de Valença do Minho — 15 de novembro de 1907 (e.º v.º)

Jo.º C.º e M.º Fr.º J.º M.º Pinho dos Santos
(Simb.º Democles)

Em vista da honra que um grupo de nossos Fr.ºs me querem dar, desejando que eu faça parte dum [] dum nova Lei.º municipal, ao vel.º de Coimbra, sob os auspícios do Ex.º Sr.º Lusitano Unido, eu autorizo-vos a fazer a apresentação official do meu nome e a tratar do meu processo.

de regularização. Espero dever - vos esse favor com o qual o novo [] certamente pouco ou nada ganhará.

Acertai, C.: e D.: Sr.: o der.: prob.: e que o S.: D.: do ll.: vos aj.: e il.:

(a) Nualvares, gr.: 18º

Quanto ao Sobral para arader da nova Lej.: , muito o deajava. Ele aceitará? Em todo o caso vai a carta. Eu queria gente de com quem me interdeasse.

Nº 154

Meu caro José Sobral:

Eu sei, positivamente muito malcreado. Enquanto estive em Coimbra não o procurei, não lhe agradei a visita, de modo que você me ha de ter chamado e com justa razão, consideravelmente malcreado. Mas eu sempre lhe vou reconhecendo como quem não quer a causa.

O caso é este: os homens "desiderados" da Lej.: Labris, vencidas as dificuldades no Gr.: Or.: , apasiguados os odios e perseguidos os omissores, tiveram autorização para fundar nova Lej.: . Mandaram-me dizer isto para eu dizer de minha justiça; ora, como eu conto com o Sobral

para Oradôr o que para mim (sem lisonja) representa um grande serviço, me sinto pedir-lhe que a esse respeito diga a sua opinião e o seu prer ou o seu mao.

No caso de aceitar, peço-lhe que se dirija ou ao Vasconcelos ou ao Pinho dos Santos para o seu nome ser incluído. No caso contrario, lamento, mas não insisto.

Francuza, francuzinha, eu não o quero cebraniado. Seria amigo, de resto, quer como Orad.: quer como mao-oradôr.

Escreva-me sempre etc. etc. — (2) Belisario.

E agora, o Pinho dos Santos, sempre tem de ter uma resposta:

N.º 155

Amigo Pinho:

Ora bem, mais tarde depois de mandado deitar no correio a carta para si, recebi uma cubra a que vou responder.

Vi, com satisfação, que o assunto está liquidado. Mas estará bem liquidado? Não será coisa a liquidação dos adeantamentos á Casa Real?

Cuidado, muito cuidado!...

É desde já, um pequeno consubstancioso: o nome Redenção que querem dar à Loja: não será romântico de mais? Não será um nome literário sem uma razão prática? Corresponde o nome à acção mecânica que nós queremos exercer?

Quando contarmos com o processo de instalação pronto? Tem muita pressa? Eis, se não for para Coimbra transferido até meados de dezembro, passarei, de novo, à inabilidade. Gostaria muito de assistir à instalação da Loja...

Mando no mesmo correio carta ao José Sobral; e ao Alcantara escreverei qualquer dia.

Pede o Diabo mandam-me uma relação dos T.H.: que contribuem o L.T. em instâncias? E diz-me, também, quem é o precebitario? Bem vê que é um cargo de confiança e é bom haver continuação.

Quanto ao numero de irmãos, não se esqueçam: poucos, poucos... que tenham mais que muitos. Já com isto que eu lhe digo: quanto menos melhor... E cuidado, muito cuidado!...

O que se deve fazer é fundar a Loja: com poucos, depois admitir mais, a um e um, com o consenso unanime. Poucos, muito poucos...

Junta, vai uma franch.: que, em di-
reito, se chamaria procuração. Há outros
papelos, etc. etc. — (a) D. Pimenta.

No começo de hoje viêta um novo
postal do Pirro:

N.º 156

Mãe ^{meu} Le. ^{meu} Henrique: Hoje mesmo rece-
bi uma remessa sua, de cartas, que tive
o prazer de lhe enviar. Espantei-me de
não dizer pois me parece que mereciam
uma qualquer referencia. Como já tem ha
dias lhe escrevi e espero sua resposta,
ainda tenho esperança. Venha qualquer
resposta ainda que seja por telegrama. —
Henrique etc. etc. — (a) Pirro do Santos.

Terceiros dias receu uma grossa!...

Mas ainda hei-de escrever ao Fausto
de Quadros e ao Vasconcelos. Quero envi-
los, especialmente ao segundo.

Valença do M.º — 18 de novemb.º

Hoje mandei ao Fausto de Quadros
uma amavel carta; ele é o Gr.º Secret.º.
Ger.º de Ord.º e sob esse presb.º, pergun-
tavo-lhe qual a opiniao dele acerca da mi-

uma subrada na Nova Lj.: e á cerca de mi-
nha eleição para Veneravel e qual seria,
tambem, a opinião dos membros do Cens.:
da Ord.: a respeito do mesmo assumto; e
terminava, amavelmente, pedindo-lhe
uma resposta.

Valença do Minho — 24 de Novemb.º

A' volta dum passeio a Casbro Sabari-
no, encontrei duas cartas respeitantes a
este interessante caso meu:...

Uma do José' Sobral, outra do Fausto de
Quadros.

A do Sobral diz-me que agora seria
um grande sacrificio aceitar o encargo que
em lhe reservava; diz mesmo: «oxalá o
"meu amigo me faça o grande favor de
"prescindir de mim, pelo menos por este
"ano. Certo deves-lhe essa grande fineza.»
Beneficendo-o, pelas razões que afferebta
e acho que faz bem.

A outra, a do Fausto, é mais fino:

N.º 157

Gr.: Dr.: Lusitano Umido. Gr.: Secret.:
Gabinete do Gr.: Secret.: Ger.: — Particular.
Meu Caro Belisario Diniz.
Recebi a sua carta. Já ha benefícios au-

vi dizer a seu cunhado e a um dos.: de Coimbra que o meu tempo ia acabar para uma Nova Loja.: de Coimbra. Mas isto foi já ha meses..

Pelo que respeito ás perzenbas que me faz na sua carta, cumpre-me dizer-lhe, pela minha parte que tenho o meu tempo e Ir.: no melhor conceito e creio bem que em tão tanto pensarão os meus colegas do Conselho da Ordem. Melhor do que eu o pode inferuar disso o seu cunhado.

Bem respeito á organização de qualquer loja.: Nova em Coimbra, em minha parte, não são as coisas agora tão fáceis como ali aqui, pois a nova Constituição apertou muito a selecção, o que era indispensavel, visto o estado de relaxamento a que haviam chegado as admissões e a grande invariação de adeptos nos ultimos tempos. A Maç.: tem crescido e tem-se desenvolvido extraordinariamente nos dois annos para cá, e assim foi preciso pôr-se um dique e apurar-se a expansão. Actualmente as iniciações e especialmente a formação de novas Lojas obedecem a grande rigor e esmero. São por isso mais difíceis e demoradas porque obedecem a mais rigorosa fiscalização e requerem maior numero de qualidades.

Não quero isto dizer que a entrada do meu Município e de outros elementos escolhidos, não seja possível e não possa representar uma boa aquisição.

Seu fine ás suas ideias. Um abraço.
Seu ir.: muito amigo

Lx. 21 - nov. - 1907

(2) Fausto de Quadros, 32.:

É uma carta diplomática...

Valença do Minho — 4 de dezemb.

Recebi uma carta do Pinho dos Santos, de que não gostei. Seu fine, eternamente, as questões!

N.º 158

Cointra, 3 de dezembro de 1907.

Meu Ex.^{to} Am.^o e Sr. Balisario Diniz.

Não tenho respondido há muito tempo á sua apreciadíssima carta por estar esperando a ultima moda. Infelizmente parou tudo e é do meu dever dizer a V. Ex.^{ta} que moda se faz com os elementos antigos da Padua por motivo que só de boca pode-se dizer. Guarinto, Vasconcelos, o Ladeira, o João Machado saem por haver divergências e só seem uns com os outros.

Da antiga loja: Fabris pó fico eu, Mar-
ques Méca, e mais ninguém, parecendo-
me que os demais já nada conseguem em
qualquer parte.

Nós queremos ainda o meu ^{em} Alferes
como chefe e está perve para fazer o dese-
gnio de nos dizer, se com os novos elemen-
tos aceita, para ser regularizado, eleito, etc.
e tal. Os elementos novos são — o irmão
do Flares⁽¹⁾, o socio da mercancia Flares de Cim-
lora, Nicolau da Figueira empregado no Ban-
co de Portugal, José Maria da Silva ~~com~~
~~com~~ negociante na escação velha, Antó-
nio Augusto Alves de Matos negociante de
rua de Sofia, Octavio Cardoso administra-
dor dos impostos da Camara, 1.º parapeito
Santiago, 1.º parapeito Rodrigues. Nestas
condições peço o favor de resposta na volta
do correio para apresentaras o quadro para
assinatura. Quando vem?

De V. l. etc. — (c) Pinho de Santos.

Valença do Minho — 5 de dezemb.

Escrevi hoje as seguintes cartas: uma
para o Pinho em resposta a que antes re-
cebi; outra para o Vasconcelos, procurando
saber o que houve.

⁽¹⁾ O Antão Henrique.

N.º 159

Amigo Pinho: franqueza, franqueza, isto não vai bem. O que me diz na sua carta, que ontem receli á tarde, admira-me profundamente. Derridaucias? Questões?

Logo no começo, quando tudo parecia ir num mar de rosas, dá-se essa terrível coisa: a peisão! Francamente, isso não vai bem.

Na verdade, são cousas para se saberem só á vista; mas o que também é certo é que eu não saber o que há e por isso, acerca do meu peiu ou do meu peio, peço uma demorazinha.

Do Sr. Dr. disseram-me, ainda há pouco, que mesmó altura será difícil uma regularização do novo lij. e que há a maior relucância em novas admissões. Espero, de lá, resposta a umas outras cousas; e o q' mejo é que isso, logo de começo, não foi bem e continua a ir mal.

Quando há questões é porque o barco não pingra em maré de rosas.

Mas hoje não sou mais extenso.

Sempre ás ordens, etc. etc. — (c) D.
Pinho.

N.º 160

Meu caro Vasconcelos:

Vou pedir-lhe que me fale com franqueza e com a maxima verdade.

Eu não quero dizer que o julgue capaz de meubir eu de não per franco; não: é que vou falar-lhe de um caso que, por meubidros, o poderia colocar na má situação de não saber o que dizer.

Refiro-me ao caso da Nossa Loja: em preparação!

Já estava para lhe escrever ha tempo; mas de hoje é que não passa. Quando lhe quiz, primeira vez, escrever, era com o fim tambem de lhe pedir com franqueza, que me dissesse o que havia a seu respeito quanto a umas cousas da Loja: em preparação; depois, novamente lhe quiz escrever, em respeito a umas cartas do nosso infante vel Fauso de Eudros; e agora, finalmente, que tenho noticias que isso ai está tudo escaragalhado, não quero que passe de hoje o pedido.

O Vasconcelos conta-me, com a maxima franqueza, o que houve? Compreenda que estou colocado na má situação e de mais a mais longe, sem de viser ter conta

circunsto dos factos; não quero proceder sem ouvir aquelles que considero capazes de me dizerem a verdade. E o Vascoencellos deve saber que pôde ter confiança em mim.

Peco, pois, uma resposta e mande seu-
pre, etc. etc. — (a) Bili — ..

Receti hoje uma carta do Manuel Duar-
te Rallo, da Lj.: Pro-Veritate em que sabe
me avisa de que posso ir receber a importan-
cia dos vales que eu possuo respeitantes á
Lj.: etc. etc. enfim. É a resposta á mi-
nha jancho.: de 12 de janeiro que aqui ficara
com o n.º 141, a pag. 22.

Valença do Minho — 12 de dezemb.º

Receti hoje uma grande carta do Vascoen-
cellos em resposta á minha de 5 de 6 de maio. Con-
ta-me a historia toda. É que existia, meu
Deus, meu Sup.: Architecto, meu Supremo
Habitado!

n.º 161

Cóimbra — 11 — XII — 1907.

Carissimo amigo:

Atendendo a recepção da sua carta de 5
do corrente vou ver se posso responder a
ela. É serviço que devia ter feito logo; mas os

afazeres por um lado e um tanto seu quanto de malandrice por outro, tendo sido o motivo de minha falta de previdência.

Agora vamos lá a ver se consigo dizer alguma coisa com jeito e de forma a ser compreendido.

Conheço o meu amigo, pela exposição que lhe fiz quando ainda aqui estava, o que succedeu á Fabrís.

Recebi do Fausto Telegrama a decreto mandando suspender os seus trabalhos! E vai eu assim fiz: suspendi tudo por uma vez! isto é: rescindi o contracto de arrendamento com o parrheiro da casa onde estava instalado a Lj.: e dei-lhe, como penhor da renda que se lhe devia, todos os tarecos que lá se encontravam, os quais poderiam ser levantados por qualquer cidadão do grupo que pagasse a dívida!

Nunca mais tivei a receber noticias do Fausto quer officiais quer particulares.

Na occasião em que abriram a Universidade para actos appareceu-me um figurão que vinha pido pecaes: da Fabrís a perdição dos meus actos!!!

Escurado para dizer-lhe que me recusei a dar-lhe explicações e que sobre tanto fizeram os restantes olheiros.

Mais tarde apparece-me o Dr. Costa Pe-

reira, presidente do Parbuzal, investido de iguais poderes sindicantes; e eu, a esse, todos demos as explicações necessárias afim de que pudesse inferuar os altos poderes do que se passava. E todos nós resolvemos unanimemente, não mais cuidar de tal assumto, esperando pormante que o amigo Fausto devesse de sua justiça quando o processo fosse julgado.

Mas... no meio de tudo isto ha quem fue impaciente que não tem a coragem precisa de esperar as occasiões e perder portanto as bons occasiões de estarem quili-
nho!... E vai daí, um belo dia, reconhece Pinto, todo ancho e vaidoso, em uma occasião em que lhe passava á par, chama-me: oh menino! anda cá home! atuec e me!... Vê lá isto que recebi hoje de Lisboa... Nisto passa-me para as unhas uma carta do amigo Fausto! Disse elle, me bem me recordo: "... que havia de ser feita justiça a quem o merecesse... que eu firmava muito a todos e que de todos era muito amigo... mas que a justiça havia de ser feita... deesse a quem deesse... etc." E enquanto eu procedia á leitura da carta dizia-me mestre Pinto: "Ora vê tu que lembrança a do Fausto em me escrever quando o dever dele era escrever a ti ou ao

compadre (Evaristo) pois eram vocês os
galos mais graduados da espécie...» Res-
posta minha: — "Pois sim, é verdade, mas
é preciso atender a que qualquer de nós man-
teu o compromisso tomado de pontante
aguardar os acontecimentos enquanto que
você houve por bem romper esse compro-
misso, pois que esta carta é uma resposta
a outra sua!" — Berrou, barafestou, gos-
ticuleu e não sei mais o que fez para fa-
zer-me acreditar o contrario. Cuidado,
ainda se julgava na caserna e iludiu pa-
lavras!

Esquecido para dizer que cheguei logo
a capitula todos os outros companheiros,
fazendo-lhes ver os inconvenientes de toli-
ce do Pinto e que o admestrassem para
que nunca mais tornasse a escrever para
Lisboa pois que lá se podiam convencer
que era encomenda nossa. Mas... o ho-
meu a nada se moveu e continuou sem
fme a escrever!

Ha pouco tempo, não posso precisar
a data, torno a ser chamado por mestre
Pinto para me mostrar uma outra carta
de Evaristo ⁽¹⁾ que dizia: "... que por influ-
encia sua o processo se par abafado e con-

(1) É a do doc.º n.º 148

lavo, muito em breve, com a amnistia ge-
ral, de forma que podíamos já reunir e fa-
 zer sessões procedendo a eleições de corpos
 gerentes e deum delegado á Grand.: Loj.: Sim-
 bol.: e que fizeremos esse trabalinho quan-
 to antes se queriamos aproveitar uma regu-
lia qualquer que nos conferia uns taes
graus de lorla!...»

Mestre Dinho que pó' olheir para os ~~se~~
 graus de Lorla ficou ancioso para que nos
 unissemos fazendo para isso altos esforços,
 o que não conseguem porer, todos á uma,
recusáram abafadas de processos e amnis-
tias perer, além de vexatório, ficavamos
 na mesma situação, de misturada com Vir-
 gilio e quejandos!!!

Ultimamente... (agora o melhor da
 obra) como o mestre Dinho disse que nada
 conseguia por aquela via achou por bem en-
 tender-se com um compadre dele, um tal
 Oliveira, alferes tarimbeiro do regimento
 aquartelado em Leiria, a fim de organisarem
 uma nova Loj.: composta de elementos da
fabris. E, não sei pererê, aproveitando a
 ocasião em que eu estive na Beira Baixa
 onde me demorei uma semana, trabou de
 organizar um quadro para ser submetido
 á apreciação dos altos poderes, mas com
exclusão do meu nome, dizendo a um que

era por eu não querer mais saber do meio,
e a outros que era pelo facto de existir um
grande processo contra mim e que só depois
de eles apauisados e iurabalados é que eu po-
deria entrar e instancias deles !!!!!...

Nestas condições todos se recusaram a
fornecer o quadro que o heuseurinho jurem-
dia e resolveram que organisariam uma
nova loja:., pim, mas pimente com aqueles
com quem pairam de tabris.

Isso foi o que me disseram no proprio
dia em que cheguei de Barcelo-Obranco.

Mestre Pinho tem tentado justificar-se
para comigo, para o que me tem mandado
chamar por diversas vezes, mas nada tem
conseguido porque he não deu ouvidos.

Hei tem, pois, o meu tempo tudo
quanto sincera e lealmente sei com respei-
to ao assunto que aborda. Ha no meio
de tudo isto qualquer caso misterioso que
eu não conheço. Se o meu amigo alguma
coisa pode esquecer-se-me dizendo-me.

Diga com brevidade alguma coisa. E
lá a dar mais - noite: não horas de encer-
rar os trab:.

Seu dedicado amigo — (a) J. A. Peres
na de Vasconcelos.

Valença do Minho — 15 de dezemb.º

Tenho andado um pouco arredio de considerações. ~~Respondei~~ Respondei ao Vasco-
concelos: agradei-lhe a sua telega carta, expuz-lhe, resumidamente o que se passára comigo; fiz-lhe ~~uma~~ uns commentarios a proposito da intervenção do tal afferes Oliveira ~~na~~ presado theuigo do Pinho dos Santos e seu illustre consopadre; e terminava assim: « aqui tem o que houve; fiquei vendo a questão, isto é: vendo que ha grossa trabalhada seja ou de fôr e seja com quem fôr. Desuendar esse quid misterioso de q. me fala, mãe no pai; mas, que diabo! ao menos fiquei vendo o requizimento de que tão e que, no caso, ha pouca vergonha. Vou aí pelo Wabal e então falaremos; mas escrevo tambem ao Pinho dando o dito por mas dito. »

Segue o mas para o Pinho dos Santos:

N.º 162

Meu Pinho:

Pedi-lhe, noutra dia, uma deuzerazinha para o meu pin ou para o meu mas. Hoje vou liquidar o caso..

As causas não seguiram os seus termos como deviam seguir; as causas, não foram

reguladas como deviam ser reguladas e por-
consequencia uma grande parte das pessoas
que me levaram a aceitar o papel: deixarei
de existir. Em vista disto, amigo Pinho, ver-
dade, verdade: eu não devo aceitar o encar-
go que, muito honrosamente para mim, me
quizeram confiar.

Gostaria muito se tudo fosse em boa har-
monia; tudo contrario muito bem na paz do
Senhor. Mas assim... com peias e de
mais e mais, cá de longe, sem ver bem o
fundo ás causas, compreendo que não pos-
so aceitar.

Fica por effeito a minha auctorisação
para ser regularizada. E eu fico mais uma
vez convencido de que sempre tenho razão
no que digo. Mais uma vez... Desculha
a vaidade mas é assim mesmo.

As causas não seguiram o rumo que de-
viam seguir. Houve tempestade. Pais é
melhor meter o barco no fundo do que ficar
esbarrado.

E até breve. Vou ir aí pelo Natal. Sem
mais, etc. etc. — (c) D. Simão

Escrevi tambem ao José Sobral agradeça-
do-lhe a carta que me enviou em 19 do mês
passado e contando-lhe o fracasso da em-
presa.

Valença do Minho — 18 de dezemb.

Recibi uma carta volumosa do Pinto dos Santos, que é muito curiosa e reveladora:

N.º 163

Coimbra, 17 de dezembro de 1907.

Meu ^{meu} Senhor:

Saude e felicidades é o que sinceramente lhe desejo. Vou responder agora á sua queridissima carta de 16 e á anterior, isto rapidamente e sem subterfugios que eu, não sei para eles nem vale a pena.

Já esperava pelo seu não e esperava por ele porque, quando recibi a carta anterior, também pensei que o Vasconcelos tinha recebido sobre do meu Senhor ("); nestas condições esperava pelo sim e também me não admirava, verdade, verdade.

Agora vai saber, pondo de parte tudo o que sobre o assunto tínhamos combinado, o que se deu, o que motivou eu convidar o meu Senhor para empunhar o mactete da nova loja e depois verá se eu sou leal e franco, se mentiroso e desleal.

Do Paiz, o Vasconcelos levantou a te-

(1) Por inconfidancia do carteiro.

bre do Vergilio Galado por delapridade dos
mebais da mesma loja e, defendendo-se o
Galado accusou tambem de muitas causas o
Vasconcelos, que ambos a meu ver tem cul-
pas no cartorio, não ha duvida e portanto
eu que vi tudo isto, falei com alguns amigos
da loja: para arranjarmos um chefe que nos
agradasse, mas só pela nobreza de caracter, co-
mo pela firmeza de pulso; nessa altura tive
conhecimentos que o meu tenente estava a
coberto e lembrou-me falar-lhe no assun-
to. Acertou e eu, gostosa e orgulhosamen-
te apresentei o meu nome a todos com ex-
cepção do Vasconcelos que só tinha em mira
o persuasão de Ven.:. Todos ficaram satisfei-
tos e de boa vontade acataram.

Sucedo, parem, que por desceido do Vas-
concelos e outros mais, a loja: foi suspensa
da dos seus trabalhos e todos nós andámos
às aranhas, escrevi para o Fausto, o Fausto
para mim, até que me mandou dizer que
estava tudo terminado e podiamos trabalhar,
fornear loja, etc. e tal.

Assim se fez, esvoaguei uns e outros
e a causa ia no melhor dos reusos. Vas-
concelos, parem, teve conhecimento de que
o não queriam por Ven.:. que havia ocher.:.
que não se abriam se ele se abrisse, isto
mesmo sem que ele fosse Ven.:. mesmo co-

meo olucio, fazendo-lhe aqui em minha
casa accusações graves.

E eu, por mim, não tenho nada com isso,
porque não assisti a essa sessão por ter que
mandar o rapaz embora e eu ficar na loja
como quando extero ao balcão do meu es-
tabolecimento.

Alguem dos presenciosos, que não eu, dis-
se o que se passou ao Vasconcelos e ele fez
... (inintelligivel)... dizendo que tho ti-
nham anunciado de Lisboa, dizendo-lhe eu
que não era verdade, etc.

Euvaristo é muito amigo do Vasconce-
los e pó vai para onde ele fór; João Macha-
do, do Euvaristo; e mas mesmas condições
Antônio Justino da Costa e irmãos, sem for-
ça meu energia para nada, hoje de um lado
amônia do outro, ventinha, etc.; mesmas
condições, eu que sabendo que fôrçado meu
quem deve vir para aqui paltei por cima
de tudo com os individuos que agora não
veem ao caso dizer quem não, por isso que
dantes falava ao chefe e agora não, mas gen-
te de bem e de valor e formámos uma lo-
ja elegendo-o ao meu Tenente por chefe.

Não accita, paciencia, cá nos governa-
remos conforme podermos, peubindo ajuda
a sua falta, mas o S. A. nos ajudará na
nostra tarefa e isto irá bem.

Parabuzal, Pro-Veritate e outras, abatem colunas; alguns dos elementos para os nossos (querendo a gente) dos principais, dos trabalhadores, de Jé, fonáticos, já nos procuráram e por estes dias reuniremos e os aceitaremos ou rejeitaremos.

O meu cargo na loja é o mais importante — Terrível — já sei que sou um dos principais elementos e que toda a minha actividade e boa vontade, convertem para um lugar importante, o do pequeno. Tenho feito empenho em que isto se realize, e realizar-se-á com certeza, despedaçando nós todos os obstáculos que se opõem á realisação do nosso plano.

Pelo lugar que occupo deve ser bem que não foi a ambição que me deu feito trabalhar e portanto qualquer coisa que por qualquer lhe digam sobre o assunto, pôde V. Ex. verificar que é falso.

D' ultima hora, tenho a honra de metter no meu copiador toda a correspondencia que escrevo e arquivo toda a que recebo de maneira que em qualquer occasião, posso provar sempre a sua boa fé.

Tudo quanto escrevo assim e de tudo quanto assim tomo inteira e completa responsabilidade. Faltam-me conhecimentos e dotes oratórios, é certo, mas poleja-me e

honestidade, a lealdade e firmeza de caracter, nunca em caso algum me desdixi duma causa que diga e nunca renegarei um acto que pratique. Se for innocente pode ser por falta de educação, se fizer asneira, confessa-la-hei e mais nada.

Percebo agora a razão porque me não se tribuam nem disse coisa alguma ao meu bilhete de parabens, mas que fazer! Valho tão pouco !!!

Esta louquissima tirada deve, com certeza, te-lo já passado e por este mesmo motivo vou terminar, antes de mais, permita-me V. Ex. que lhe diga que dos elementos que assistiram á accusação do Vasconcelos, houve quem faltasse á sua palavra de honra, e isso é uma traição e os traidores sejam eles quem forem occupam o lugar que occupam na sociedade, devem ser banidos para sempre, e nós cá os pequenos isso fazemos e temos a consciência que procedemos bem e justamente.

Seu outro assunto permita-me V. Ex. que me subscreva com a minha lealdade e dedicacão ... etc. etc.

(*) Antonio Mendes Pinto dos Santos.

Valença do Minho — 20 de dezemb.

Esta ultima carta do Pinto, linta, in-

falivelmente uma resposta. Então hoje, di-
zendo a isso. Vamos lá a ela.

N.º 164

Amigo Pinto:

Antes de mais nada, um esclarecimen-
to importante: não recebi littera nenhuma
sua, felicitando-me pela promoção. Se re-
cebesse — como alguns recebi — teria res-
pondido como a todos respondi, grandes ou
pequenos, ricos ou pobres.

Então o Pinto, francamente, julga-me
susceptível dessas mesquinhas?

Esse deve chegar aí a qualquer algumas
horas antes de mim; mas em vez de dizer
isto verbalmente, quero que diga figure um
documento.

O Pinto expõe-me a questão creiamen-
te como ao gosto sempre que as causas se
exponham; mas devo-lhe dizer o seguinte
para que me façam justiça e não imagi-
nem que procedo cegamente influencias:
eu tenho tantas razões para acreditar mais
no Vasconcelos como para acreditar mais
no Pinto; o Vasconcelos é um conhecido
amigo bem antigo que me conhece desde
pequeno e que me merece confiança; o
Pinto que eu conheço desde que fui para o

23 Teu pido para mim um pouco de trabalho, honesto e que julgo igualmente digno de confiança. Umas diferenças: com o Vasconcelos tenho mais, muito mais intimidade.

Da verdade eu quiz seguir as partes; mas julga o Pinho que me limitei a ouvir o Vasconcelos? A meinha justiça — como o Pinho costuma dizer — trabalhou; e desse trabalho, que não deu boa conta, nasceu a minha resposta. Eis tudo.

Se disse que as causas não foram bem, não quiz dizer que foi o Pinho o causador de elas irem mal. E com que razão o diria? Da verdade as causas não foram como eu gostaria. Houve divergências, mal entendidos, houve o tal pouco equivocação, houve peixões? Haveria. Eu, porém, é que não quero, tendo amigos de um lado, ir pendur para o outro, tendo pessoas que não quero ir desconsiderar, de um lado, ir pendur para o outro.

É uma colisão amigo Pinho.

O Pinho, viu-se bem, ficou magoado. Porque?... Só se foi pelo teu do recusa de carta; outra causa não poris certamente. Mas eu estava de tão mau humor...

Mas falaremos depois de amanhã, etc.

(c) Sônia Pinheiro

Coimbra — 23 de dezemb.

Cheguei ontem a Coimbra, no gozo de licença. E hoje fui à loja de Simão saber o que havia...

O homem levou-me à polveira-loja e aí, muito exaltado, muito perturbado, expôs-me a questão, lançando sobre o Vasconcelos e sobre o Guarino Berneira as culpas. Disse-me que o Fausto de Suedros cabinera cá na véspera e ante-véspera, tratar de umas causas e que, como eu recusára o math.: the perguntara porque o não aceitava ele, Pinho dos Santos... Falou, falou, gesticulando, protestando a sua inocência, resumindo tudo nestas frases:

— Isto é tudo uma questão de penacho!

— ?!...

— Sim senhor. O Vasconcelos não vai para parte nenhuma sem que se lhe dê o penacho. Há mais tudo...

— Não será tanto assim, homem...

— Já com isto, meus senhores.

E fiquei de ir lá, qualquer dia, para ver com atenção toda a correspondência trocada acerca do assunto.

Estes diabos!...

À noite falei com o Vasconcelos que me contou, mais em detalhes o que dissera

na carta. E eu encordei com elle quando me disse que achava extraordinaria aquella jressa do Pinto dos Santos que andava a guener meter gente que não couvinha, que a uns dizia uns cousa e a outros dizia outra, que enfim aquilo parecia ser tudo uma leria...

Mas não se falem mais porque appareceram pessoas extranhas.

Coinha — 25 de dezemb.

Seria meio-dia, bateram-me á porta deis heuueus que me queriam procurar. Mandeí subrar.

Ereram os deis auuipos: o Alcantara e o Machado; o juizeiro, o Francisco Mendes Alcantara, da fabrica de lousa e presidente da federação operária; o segundo, o Francisco Machado, o ferriteiro empregado no estabelecimento do Madeira.

Atiracci-os, mandei-os peubar e couueçaram subão a dizer a razão da visita: com uns cajadada mistavam 3 coelhos. Um, os parabens pela promoção; outro, as boas-festas; e outro (que me pareceu ser o principal) fazer nova declaração acerca da sua attitude para couuipo.

Os heuueus, na verdade, sensibilizaram-me.

— Nós vamos para a casa de V. l. e. f. n. ...
 E contaram que o Pinho dos Santos os
 quiz agarrar, alegando que eu ainda recen-
 sideraria e voltaria de novo a dizer que
 aceitava o qual. :, mas que eles disseram
 positivamente que não, que eu a Loj. :. es-
 tando instalada, eu eu pseudo o Mest. :. Ve-
 n. :. cubão aceitariam.

— Nós estavamos ás ordens de V. l. e. ...
 Os homens, na verdade, parecem - me
 dedicados e são homens de palavra e de cer-
 ta energia; contei - lhes mais ou menos a
 historia das negociações, indiquei - os dos
 meus planos e lá foram satisfeitos.

Coinbra — 26 de dezembro

Falei hoje, acidentalmente, com um
 negociante daqui, Manuel Duarte Palma, q.
 pertence á Loj. :. Pro-Veritate.

Falei - se, como por acaso, na minha lo-
 ja de que eu seria Ven. :. e ele, pedindo ve-
 nia, começou a dizer que o Pinho dos San-
 tos era leiano de mais, muito trapalhão e
 disse - me, com ar de conselho, que eu ex-
 tranhei :

— V. l. e. :. atenta a sua posição e catego-
 ria, precisa de ver. com quem anda...

— Sem duvida...

Explicou que a frase não tinha valor

crita, que era uma coisa para ijuarção,
mas que a dizia por me conhecer desde fe-
querrito, desde criança . . .

— Esbirro - o bastante e pó the desejo
leu . . .

Leu, depois de me despedir, fiquei pes-
quando no que aquillo querera dizer.

1908

Coimbra - 3 de janeiro

Causo tinha jnuvelido ao Pinho dos San-
tos fui entem ver a correspondencia trocada
acerca do caso.

Mostrou-me uma grande quantidade de
cartas entre as quaes, pelo numero, avulta-
vam as do alferes Oliveira. Tchei iuberres-
sante tal leitura.

As cartas do Fauro do Quadros são as
mesmas iubrujicas do costume, mas esse
ar de perias; as do Pinho para ele são os
mesmos protestos de seriedade, lealdade,
dedicação á nossa Reg.: Ord.:, verdade
instabalvel de trabalhar, etc.; e as do Oli-
veira são as mesmas cartas imoderbas.
(com um grande tom de modestia e inferiori-
dade) atestando penifne o seu copioso
trabalho, os seus serviços á Ord.:, a sua
inconsevel propopanda suaq.:, e enorme

a inconfundível, a imoredeura superioridade da sua loja: em Leiria para a qual inmensa gente, quase a cidade inteira, desajava entrar, a ponto de haver pessoas que se apresentavam propostas de admiração de prof.: em numero de 10 !...

Propriamente ao que importava, pouco vim a saber: ha abranço de tudo aquilo umas vagas alluções ao Vasconcelos, mas que se não definem com precisão, umas causas que eu não percebi muito bem, uns juuridos de verbude que eu lhes não reconheço... e fiquei na mesma!

O Gloro, que também estava, nos intervalos em que o Pinho saia para atender os frequentes, dizia-me sempre:

— Mantenha-se...

Eu, na verdade, não percebia ali varias causas: a intervenção do Oliveira que vivia em Leiria; a reviravolta contra o Vasconcelos que eles diziam ser esse caso "de pe macho"; e a pressa enorme que eles (o Pinho, o Marquez Méco que vai ser o Sen. de Loja, e outros) manifestavam de « trabalhar, "de fazer alguma coisa... » Depois, perfeito maravilhado, por debaixo da cortina, apparece o tal Oliveira que em cinco meses fundou uma Loja: em Leiria e uma infirmeria de de triang.: em Alcobaca, Batalha, Mari

ilha Grande, Nazaré, Geis, Myranil e
por aí fora... no Cairo, em Malta, no Egí-
pto... o demónio! É um verdadeiro re-
mecedor de triângulo: mas... o diabo do alfe-
res!

Ora eu que sei quanto vale aquelle «tra-
balhar» aquelle xelo incansavel, fico-me a
desconfiar.

— Hum!... aqui ha coisa!...

Isso não é magar aos homens vontade;
mas é que tanta coisa em tão pouco tempo
quando eu tenho visto que para se fazer uma
coizita pequena a pério se encontra tanta
dificuldade, tanto trabalho e tanto desgosto,
dá vontade de desconfiar. E ele, o Olivei-
ra, diz em todas as cartas que se tem o
gr.: 7.º do rito francês foi porque lho deram
e que não quero passar para o rito escocês
para que se não diga que eu não fico com o
gr.: 18.º. Isso, é claro, é para os papalvos,
porque o 7.º francês corresponde ao 18.º escoc-
ês... Então, pois, no meu direito de des-
confiar.

E o Machado e o Alcantara dizem-me
arbitrariamente:

— V. Ex. não reparou que com o Dinco fi-
cou a gente do Log.: Pabris que é mesmo con-
siderada?

No verdade, eu já reparára; e já está

va resolvido a fazer o que o Gloro resu-
meu, conscientemente:

— Mandem-se...

De modo que, terminada a leitura, e
conversando com o Dinbo, eu disse-lhe que
continuava na mesma situação que expu-
sara na carta: meu para um lado meu pa-
re o outro. E a conversa terminou por
o Dinbo dizer:

— Meu Tenante: sempre amiguinhos!

Se entender que deve entrar na Loja:, diga;
e o math.: e'-lhe entregue logo. Semão, tudo
como antes. Quem for para Ven.: ha de ir
com essa condizão: se o meu Tenante qui-
zer entrar, larga logo o math.:... E esta-
mos entendidos.

— Está bem, Dinbo. Está bem...

E saindo da loja, fomos, eu, o Gloro
Henriques, o irmão Antônio e o comum
amigo Nicolau da Fonseca, conscientes de
que o nosso trabalho necessitava de qual-
quer coisa, abancar a mesa mesa do João
Magrinho e ali, mais ou menos confortá-
dos, planejamos vagamente uma loja:
mas: prometedora e útil...

Seria uma loja: com mira principal
na propaganda do Livro Pensamento; o seu
templo, moderno, seria um templo desbitui-
do de símbolos mágicos:, de enfeites liter-

gicos, e armado apenas com retratos dos principais livres pensadores e um ou outro quadro com pessoas que fossem símbolos... A acção da Lj.: seria uma obscura, modesta acção propagandista, mas eficaz; não se traduziria em jantares e esperanças nas estações de caminho de ferro... E depois, começámos a organizar o seu quadro: eu, seria, naturalmente, o seu.; o José Soveral (levo-lo-hia, desta vez!) seria o 1.º Vigil.; o Alcantara, o 2.º Vip.; o Flares seria o Grad.; secretário, talvez o irmão do Flares, o António Henriquez; o Machado, o Tesoureiro; o Nicolau seria um cargo qualquer; levaria para lá o pai da António José da Costa; e isto para acabar com o Vasco concelhos e os seus: o Evaristo Gouveia, o coelheiro João Machado, o António Justino da Costa, do Banco de Parburyal e creio que mais deis.

O Flares, mesmo ficou de ponderar o Vasco concelhos a respeito do "querão do pessoal". E sabendo o que houve, se resolverá se se ha de falar ou não a esse grupo.

E assim se planejou uma Lj.: maq.: de livres pensamentos, tendo como fito uma companhia obscura mas eficaz contra a reacção; assim se planejou a Lj.: que talvez venha a ter na Maq.: Parburyense o

o nome de «R.: Loj.: Livre Pensamento.»

O que é, parece, verdade, é que amanhã volto para Valença; mas quando voltar não me esquecerei deste projecto que é, de facto, um belo, um lindo projecto.

Coimbra — 17 de abril.

Morto o Rei, caído o João Franco, restaurado o regime constitucional e transferida a minha pessoa para Coimbra e para o 23, pode-se continuar com este caderno ás voltas...

E agora há que dizer.

Uma vez em Coimbra e falando com os interessados e com a vontade decidida de pôr em pratica planos ambiciosos e que ainda ha pouco pouco quase ficaram combinados, vi que a questão da Loj.: do Livro dos Santos é uma questão linda e encravada. Isto é: fica tudo em nada, os honrarios não conseguem a regularização e o pecho mas... deles fica reduzido a zero.

O Alcantara passou-me a entender que a verdadeira razão do meu resultado fôra a minha recusa em aceitar o meu th.:... Queriam comigo, queriam que eu lhes garantisse uma certa seriedade e fôlhes o projecto... E sem mim, parece que não tem forças para levantar colu-

mas. Isto deu-me o Alcantara a entender, minha conversação.

Sajo, parece, como já, o que tenho é que tomar qualquer decisão. O Floro Henriques, com quem tenho, a tal respeito conversado, insinuou-me o mesmo.

Isto, é claro, levou-me a aclarar a situação e a dizer ao Floro que aceitava um lugar nas col.: de Tr.: Lj.: Parbugal (a que ele pertence) se lá fosse aceite e se comigo fossem aceites dois parentes que eu não largava: o Mendes Alcantara e o Francisco Machado.

Como já aqui disse estas dois parentes vieram pôr-se á minha disposição: pediram atestado de quite no Lj.: Pro-Veritate e só entravam para Lj.: mas: em que eu empunhasse o math.: de Ven.:. Eterose que, neste dia, encobrando o Alcantara na baixa com alguns amigos dele, disse-me á despedida:

— Eu já estou reservista, m. Henrique; já tenho os meus papéis em ordem. Agora estou pronto para a chamada!

Isto, evidentemente, queria dizer que tinha já o seu atestado de quite e que estava ás minhas ordens.

De modo que, só irai para o Parbugal se os parentes forem comigo. Disse isto ao

Claro e este ficou de saber e de ponderar. Pa-
rece-lhe que, quando a mim, não haverá
dúvidas; mas quando aos outros... vai sa-
ber.

Massem, ante-hontem, fui á clara do
Alcantara falar-lhe no assunto. A conversa
foi ineberrante e ele ficou ás miúdas ar-
deus:

— Deus que seja para o fim do Inferno!
Disponha do meu nome.

É sobre as causas que me disse, a res-
peito da Pro-Veritate, contou-me o qual-
estar que lhe causava o perceber que não o
tratavam como de igual para igual.

— Eu sou um operário... É aí está
tudo. É naturalmente veraz que me não ad-
mittem na Portugal.

— Vamos a ver... vamos a ver.

A conversa durou quase duas horas.
O Alcantara abriu-me as confidencias e eu
saí cada vez mais convencido de que é
um homem serio nas suas convicções,
honesto e capaz de tomar a peito qualquer
negocio meacornico.

Subindo para casa, falei ao Machado
familiar. A mesma coisa: o que eu fiz
se estava bem.

— É othe que sempre ás ardeus! Não
se esqueça que sempre ás ardeus!

Coimbra — 20 de abril.

O Flares tem cuidado na sua missão. Quanto ao Alcantara, parece que não ha duvida; mas quanto ao Machado houve quem lhe dissesse que bebia a sua pinga e quanto ao pagamento não era dos seus cartos. Não gostei.

Quem seria o da possibilidade tão apurada que disse isto ao Flares? Não tenho idéa de quem dizer que ele não fosse pontual a valer; e quanto á pinga, encontrei-o uma vez, á noite, ao arco do Alameda, com o bosta pinbar, alegre, sem duvida; mas ás sessões de Loj.: nunca faltou, atento e dando a sua opinião decassombradamente.

Por isso é que eu não gostei.

Coimbra — 20 de julho.

Passou-se tempo sem eu ter conhecido nenhum de qualquer causa. Cheguei a descobrir que queriam livrar-se do meu quer de um lado quer do outro, pelo... esquecimento.

No entanto, não era verdade.

Graves causas se davam: e questão da Loj.: Redenção chegou ao auge; os Th.: das Loj.: Pro-Veritate, Perserverança e Perbupal formáram um especie de bloco para evitar

que a nova loja: Redenção levantasse colu-
nas; esta, porém, tem como advogado o
terruel e brevemente celebre alferes Oli-
veira que ha um ano para cá tem feito le-
vantar colunas a 22 lojas suas: espalha-
das eficaçmente pela superficie do país e
um numero infinito de triângulos semea-
dos e plantados por rios e vales... Nes-
te mesmo curto periodo de tempo, tem
tráfego de tal forma o tal alferes, que ocu-
pa um lugar proeminente no Ceu: de
Ord.:, possui por destinação o gr.: 33º e
suas causas heurasas e tremendas!

Pois bem: com tal advogado, ocioso é
dizer que a loja: que se organiza tenha pro-
babilidades de vencer, como do facto parece
vencer.

Ora, durante a guerra pseudo que se
reunia o Dinbo dos Saubos e campandeiros
nada me diziam, um pouco calistaixos,
porque não tinham a cabeça da vitéria; por
outro lado o Floro, nada me dizia tam-
bem porque via a sua loja: comprometida
na guerra e, por dificuldade propria, ar-
riscado a ir por agua abaixo.

Seis por que me via envolvido em tão
conmodo pilancio.

Ha causa de um mês, porém, comecei
a divisar uma certa alegria no Dinbo dos

dos Santos ; um irmão do Flares , o Antonio
meu Henriquez , disse-me com certo ar tri-
unfante que me queria falar ; e o Pirro che-
gou mesmo a dizer-me , a proposito não
sei de quê :

— Ando cá a pensar numa coisa...

— Então o que é ?

— Em agarrar um sujeito que eu cá
sei...

— Para quê , homem !

— Para posso veneravel.

— Então sempre levantava a cabeça ?

Ele então , exaltado , contou : o Oliveira
tinha conseguido que se fizesse no Cons. de
Ord. : nova presidencia , mas com caracter
oficial e que se encarregasse um Sr. de
confiança para , particularmente e sem dar
nas vistas , cuidar o que houve ; que essa
nomeação caiu no eschafel em direito
Arvidis de Medeiros , Sr. de Loj. : Germinial
(cavalheiro pouco da reunião republicana e cuja
vida é um conjunto pouco tempo de mis-
terios) ; que por fim a Justiça (!!) trium-
fou e no Cons. de Ord. : atenderam ás ra-
zões do presidente ; que as tres Lojas já ci-
tadas se collocaram no di. : ou : ou elas em
a Loj. : Redenção ; que o Escancavelos fôra inq-
diado a que , agora , agora... E acrescen-
taes triunfante :

— Agora . . . é que se quer ver quem tem palavra! . . .

E terminava com a dejuvabaria de carua:

— Não realandros!

Esses subões, ainda amalucado com tanta causa e amesclucado com tanta pouca responsabilidade, perguntai:

— Mas subões onde estão os princípios de paz e harmonia que devem existir no mundo maçorrico?

O Pinbo não esperava pela pergunta; amesclucou um pouco.

— Olhe, Pinbo amigo: vocês, afinal, querem pelear e querem instalar-se, para fazer guerra aos subões . . . Ora assim, meu amigo . . .

— Oh meu tenente: subões isso realandros dragem . . .

— Pois é isso mesmo: é isso realandros dragem.

E mudai de conversa.

O tal sr. Oliveira tem mexido tudo: quer-me parecer que é homem sem escrúpulos e o que se vê é que lá conseguiu dispor os altos poderes a aceitarem uma causa a que tanto tempo se recusaram. Ainda em começo de maio meu querido Costa Ferreira, que pertence ao bando de lá:

me dizia em Lisboa, de uma forma cabezari-
ca:

— Fique você certo de que não se fun-
da loja: reuniram-se em Coimbra e reuniram-se
nos com essa gente do parapeito Pinho

E agora... desmanchem-se por qual-
quer razão de estado...

Passados dias, depois da conversa com
o Pinho, o Ambasciador Henriquez encontrou-
me e disse-me que me queria falar; como
vinhamos para a Alta, reunimos-nos no
antigo Jogo de Bola da igreja de S.º Luiz e
ali, ao fresco, o Henriquez foi-me expou-
do vagamente a futura instalação da nova
Loja: e que eu, certamente, não sabia nada
do que tinha havido...

— Creia que, se poubasse tudo... dá-
ra-nos razão e viria por o mesmo Velho...

Eu observei-lhe coisas: a pouca patrio-
tade de Oliveira, a leviandade do Pinho dos
Santos, o facto de subtrahirem aos seus de qua-
ra com as obras da Loja: o que era contra os
meus principios meuzes: etc. etc. Ele ou-
viu tudo, mas não se convenceu de todo.

Mas, o golpe mortal foi dado dias de-
pois.

O Oliveira, o celebre alferes Oliveira,
tinha vindo a Coimbra para assistir aos fes-
tejos da Rainha Santa e pediu-me, protoco.

larmeuca, uma conferencia. Elle agiti andoum cornigo cuidadosamente, e em no-
deios, com cuidados; mas agora, era ás
claras: queriam uma conferencia!

E eu, como compo a pessoa de coti-
ção e de alta responsabilidade, fui uma noi-
te conferenciar com o Oliveira e loja do
Pinto dos Santos.

Ele, o Oliveira, lá estava em alguns
cavacos com o Ovidio de Medeiros, o Ambrosio
Henriques e o Nicolau de Fausca; subi
com ele á polve-loja onde estas armazena-
dos os livros; e ali, sentados polve caixotes,
fumando uns cigarros karatos, começámos
conferenciando supariamente.

O Oliveira expô-me o que era a no-
va Loja: Redeções; o grande numero de
bons elementos que tinha; o grande resul-
tado que se esperava dela para a obra de Ma-
ç.: peribuzença; a grande força que iria ter
polve Coimbra; mas...

— Mas... — dizia ele firmemente —
mas falta quem os dirija e quem lhes dê esse
pão... Falta-lhes o melhor que é a cabeça!

— Falta-lhes tudo... murmurei.

— Não ha devida. É a' esse vista disso
que lhe peço para aceitar o malh.: da nova
Loja...

Eu, então, tornei um carbo ar de cau-

centração e importância; puxei duas fumaças; e, vagarosamente, comecei a expôr que não aceitava o math.: porque a Loj.: ia levantar colunas em guerra com as subnas Loj.: do val.: e eu, accettando o cargo de Ven.: ia, implicitamente, apoiar o procedimento auctario; já não tinha, no mais tempo, accettado, porque havendo lá dentro questões e melindres eu não queria ter, tambem, questões nem queria ir melindrar amigos e velhos companheiros pelo simples facto de não ceder á vaidade de ser Mestre Ven.:; que não concordava com a maneira por que a Loj.: ia ser esbaldada; e assim fui indo até concluir, categoricamente que não.

O illustre Oliveira estava espantado por na minha: não comprehendeu, certamente, tanta coisa lida que lhe disse...

Seij ainda arguembar, mas fiquemos no não.

E poriam onze horas da noite, subindo para casa com o Antonio Henriques, eu vi-me a dizer - lhe o que fôr a conversação e que regardingo a Loj.: estivesse sob a tutela do Oliveira, não tinhamos nada feito.

O Henriques ainda tentou:

- Não estará enganado a respeito de-le?...

— Salvez . . . mas o que lhe digo é que não subno para uma loja: em guerra com as subnas. E depois . . .

O Antonio Henriquez arrebitou o nariz perante a rebicancia.

— Depois . . . Salvez, mas caíse o diabo em casa!

— Ora! . . .

— Ora? . . . Lembas o meu amigo julga que se eu subnasse para lá, comenbia tutela extranha? Lá deubro, quem mandava era-meos nós e . . . o Vau: havia de ser eu. Oliveira a mandar lá deubro é que não.

— Sim . . . mas . . .

— É isto, meu caro: não gosto do homem. O homem não é serio. É um ambicioso e um trapalhão. O Pinho dos Santos não será ambicioso, mas é ainda mais trapalhão . . . E com dois tuberos assim . . .

E com estas e subnas acabámos a conversar e cada qual foi para sua casa.

Cimilera — 26 de julho.

O Flares, hoje, succumbando-me, disse-me que soube pelo irmão Antonio que o Oliveira, o illustre Oliveira, fizera a meu respeito, depois da conferencia o seguinte commentario:

— O rapaz está ainda muito verde . . .

Verde!... o imbecil!

Eu estarei verde, pois devida: ele,
porém, já estará a apodrecer.

Coimbra — 6 de agosto.

Hoje, passeando com o Floro e sendo
caído a conversa em causas maçônicas,
disse-me ele:

— É verdade! Prepare-se para uma
surpresa!

— Jesus!

— Os homens da Redenção fizeram
féria o Pinho dos Saubos, vieram às boas com
as subnas Lhoj.: e querem ir ter com o
meu amigo para...

— Para?...

— ... Ver.:, naturalmente.

— Bom é isso.

— Pois fique sabendo, porque eles uma
vez procuraram-me.

As voltas que o mundo dá!

Coimbra — 7 de agosto.

Na verdade, hoje, o Ambrosio Placini-
ques telefonou-me. Disse-me que me que-
ria falar. Eu disse-lhe que estava às ardeus.

— Mas é novidade grossa?

— Não... Fina, novidade fina.

— Bom...

Cóimbra — 10 de agosto.

Hoje, descendo do Luarel-General para a baixa, encontrei, á Sé Velha, o Floro Henriquez.

— Sabes que ha grande novidade?

Mas eu queria o calor dum pol atorna-
der; olhei para o lado e vejo a parva da Sé
velha aberta e, com admiração do Floro,
encarnichei-me para lá, peguei no peso
do reposteiro de velha tapeçaria e disse:

— Podéis entrar no templo, Sod.: Is.:
Confucio: . . .

É o Is.: Confucio entrou fazendo, pa-
ra o altar-mór, o sinal simbólico da es-
quadria.

É então, pendados meus bancos do ca-
pel-mór, estofados a veludo, ele contou-
me a novidade: a loj.: Redenção já esba-
na verbalada ha dois ou tres dias, mas ti-
nham excluido do quadro o payante Pinto
dos Santos.

— Esse é boa!

— Foi excluido. É um dos que mais
concerream foi o Oliveira, o Tenente Oli-
veira, o grande e ilustre Oliveira!

— Mas isso, afinal, é uma porcarias.

— No procedimento do Oliveira, só
uma coisa se salva: foi o escrever ao Pinto

dizendo que só ele concerraria para que o seu nome fosse excluído; só ele e mais ninguém e ele só trazia essa responsabilidade.

— Que trapalhada... E agora?

— Agora... a lei... começa a funcionar, o Diabo ha de barafustar...

— Um quebrão feico!

— O que é não andar por caminho direito!...

E aquellas paredes e arcarias resuscitadas, de uma grave e doce religiosidade, foram ouvindo uma serie de causas gravemente irreliqiosas e que certamente, nunca ali, naquelles bancos canónicos, foram pronunciadas.

Uma velhinha cubrou e ajoelhou nos degrãos da capela-mór; e a conversa já se tinha desviado para a decoraçáo do templo do Sagr.: rito do gr.: 33.º no Oriente em Lisboa.

Por fim, paimos. Cui segui para o quartel e logo ao passar na Sofia, o Diabo dos Santos, á porta do estabelecimento, entrou ao caixeiro com carta para o Oliveira que ia por registada e com aviso de recepçáo.

— He novidade, oh Diabo?

— Hum!...

E olhou para mim, desconfiado.

— Você pareceu me deixar sem olhar!
Que diabo é isso?

Ele acabou contou que tinha sido excluído do quadro; que ia fazer lembrança para o Cjs.: Dr.:; e que, se o não atendessem, ia ~~para~~ para os jornais.

— Ah!... onde isso vai, homem!

— É o que lhe digo.

— Vocês não querem even que ha lembranças... Eu não lhe dizia: cidadão, meu cidadão? O Pinho julga que ninguém pensa melhor que você?

— Venha o meu temperamento com razão que eu quero contar-lhe o caso.

E fui para o quartel pensando na instabilidade das cerceas hermonas...

Boimbera — 13 de agosto.

Fui, finalmente, provocado pelo Antônio Henriques: queria pedir-me autorização para me regularizar na rua Loj.: que já estava instalada.

— E então nas melhores relações com as ruas Loj.:? Os Veneráveis do val.: foram à instalação?

— As relações... são boas; mas os Veneráveis não foram...

— Então, meu caro amigo: subis-

Tem as razões que há pouco tempo escrevi ao illustre Oliveira.

— Mas o Pinho saiu...

— Pois sim. Mas o Pinho não era a razão de eu não entrar. E mesmo, defeis de a sua Loja: estar nas melhores relações com as outras, eu não aceitará o cargo sem um subentendimento com os veneráveis das outras Lojas. E aí tem...

Ele disse-me, então, que pedia que as outras Lojas: desejavam que eu entrasse para a Redenção, para que eu fosse um braço de união entre uns e outros e para acabar de vez com o conflito.

Seria uma coisa muito linda; mas... não julgo coisa viável.

Coimbra — 16 de agosto.

Fui á Loja do Pinho dos Santos para ele me contar o que houve. O homem, contou-me, com a mão sobre o coração e protestando a maior lealdade, causas diversas interessantes e que me levaram á conclusão de que tudo aquilo é uma grande farsaria!

Mostrou-me cartas do Oliveira e sobre elas á tal em que expõe as razões porque excluíram o Pinho do quadro da Loja: Afinal, tão bom é um como o outro...

começam a desculhar-se com ex-
quiritas; o Pinho dos Sacos lança o seu
rancôr todo contra os outros chegando
mesmo a dizer que o Oliveira teve em
Africa uma casa de Menebrizes⁽¹⁾; que o ir-
mão do Floro, o Antonino, é um canalha;
que o negociante Matos é um ladrão, etc.
etc. etc.

No país de lá, resolvi ir ter com o
Floro e dizer-lhe que me propôz de des-
sa para a Loja: Parbupal. Fico, de uma vez
livre deles.

Pois se abé disseram que se eu não
acceitei o cargo de Ven.: foi porque andava
a ver se a Loja: Parbupal me dava mais!

Commevente, áquella gente tão vir-
tuosa, eu não lhes convinha. Não posso
mais em tal parcaria e vou para o Per-
tugal.

Coimbra - 18 de agosto.

Hoje, por intermédio do Floro, o Dr.
Fernandes Costa pediu para eu lhe ir falar;
fui procura-lo no hotel Buemida onde jantava
e ali me expôz a situação da Loja: Parbupal
de que ele foi o Ven.: muito tempo
foi e é ainda quase o protector. Disse-me

⁽¹⁾ Vide pag. 42-43 deste vol.

que por causa do questionamento (aqui relatado) com a Loja: Redenção, e Parabuzal ia sair da obediência e terminou por me pedir para eu subir, para ver se se formava lá dentro um núcleo de gente nova.

Eu disse-lhe que já tinha formado tentativas de subir para o Parabuzal e o Flares ficou encarregado de me propor juntamente com o Alcambara e com o Machado.

Coinbra — 15 de outubro.

Só agora volto ao assunto. Há dois meses que tudo anda em férias.

As tres Lojas que tinham feito opposição á Redenção (e que são o Parabuzal, o Perseverança e o Pro-Verdade) saíram definitivamente da obediência e formaram um grupo mais independente em Coinbra.

No Parabuzal, depois do período de férias já houve sessão e o Flares já me propoz, ao Alcambara e ao Machado.

El meiu e ao Alcambara todos aceitaram sem duvidas; mas ao Machado opozeram varias razões e de novo voltou a falar-me do seu gosto pela piuça. Não sei se será pretexto para o não aceitarem — o que é um obstáculo para mim.

El' caubela fui falar ao Alcambara; explicou-me o caso e de concordou...

— Não ha duvida, Sr. Tenente . . . Ele bebe . . . e aqui para nós que miuguem a. ue, ás vezes, bebe bem . . .

— Mas durante os períodos alegres revela ou revelou alguma vez segredos maço- nicos?

— Isso não.

— É' pois quando bebta. O homem pô- de entrar.

Coimbra — 24 de novemb.º

O Gloro, encubrendo-me, disse-me que tudo se prepara para receber de braços abertos os novos Tr.: e deu-me parte de que subna no mesmo dia comigo o Vasco celos e o Ilcantara; e que, quanto ao Machado, na discussão houve duvidas, ain- da, acerca da lealdade e que resolveram dei- xar a discussão de sua admissoes para de- pois de eu lá estar e o Ilcantara.

Não gostei, mas o Gloro disse-me ~~o~~ que não fãa pessoal subna coisa.

Voltei ao Ilcantara, participei-lhe o caso; e ele, com um certo ar de agastado, disse-me que já esperava o facto porque a Loja: Pro-Veritate não inferuára muito bem do Machado. Assubamos, pareceu, eu que accitavamos o aviso para a sessão de cubrada e que lá deubro, depois, seria

nos os advogados de Machado e faríamos tudo para que ele subnasse.

— Bebedeiras todos tomam, dizia-me o Alcantara. E até eu, sr. Deuseube, quando cá tenho desgostos a ralarem-me...

E eu, querendo corresponder á confiança, acrescentei:

— E othe, sr. Alcantara... Tomarem por cá...

E fizemos um gesto de camaradagem e de imposição de silencio...

Coimbra — 5 de dezembro

Sai hoje de casa para passar o quarto e a noite. E' finalmente no 4.º feira, 9 de dezembro!

Lá vou eu subnar, de vez... — será de vez? — para um tempo!

O Floro, quando lhe reproduzi, mais ou menos, as conversas com o Alcantara, disse-me que tudo se resolveria a bem porque nós advogados lá dentro a cubra da do homem e todos, de certo, aceitariam.

Em todo o caso vou saber feito. Na Par-
tugal a gente é boa e seria; e já me tem parecido ouvir nosnar que conspiram pa-
ra nas proximas eleições me elegarem Ue-
maravel.

Será assim? Uma vez, uma coisa

com o Floro e o Gandarez, este esbarre-
 gou com uma frase qualquer; eu puxei;
 e ele caiu em dizer:

— Pois o que é necessario é que os de-
 putados tenham conta daquilo!

— Contas não tem lá quem os governa?

— Temos, temos... mas como U. Ex.^{ca}...

... «U. Ex.^{ca}» era eu... tive de me mostrar
 modesto:

— Ora, ora...

Mas depois, voltando-me para o Flo-
 ro que corria filosoficamente:

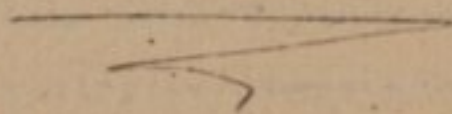
— Ora eu venho da N. L. de Parbuzal,
 hein?... E vê o nosso amigo Gandarez!...

— E eu do Ad. de, acrescentou o Floro,
 sobre duas garfadas.

E disseram estas cousas com olhares
 de subdintimento que me fizeram desconfiar
 — o que foi confirmado por uma subna
 freze, daí a pouco, que queria dizer que eles
 desejavam a minha subrada antes das
 eleições.

— Parem?

— Sempre é bom...



A Resp.: Loj.: Cap.: "Portugal"

ao val.: de Coimbra :

1908 - 1915.

I.

Do caderno de apontamentos :

1908.

Coimbra — 9 de dezembro.

Os perbas, da R.:. Loj.:. Perbysal abriram-se-me hoje, finalmente, sem grandes formalidades litúrgicas, mas na verdade com cardeais aparências de austeridade.

Reuni-me ao Floro e ao Alcantara, na balçada; e subindo pelo arco do Alameda, de novo subrei no velho casarão onde fui iniciado, subão templ.: da Loja Academica Livre — há uns bons nove annos.

Bateu-se o pinal... a porta abriu-se como nas magias e nós subármos para a arábica e bem conhecida Sala dos Passos Perdidos onde alguns ITr.: estavam em conversação.

O Sen.:. meu receptor-me, afavelmente: é o dr. Augusto de Costa Pereira, bacharel em filosofia, conhecido pela alcunha de «o Prisar». É um excelente caracter

e, apesar dos seus quarenta, um excelente ~~comunicador~~ rapaz.

Levei-me para um pequeno gabinete onde atenciosamente me expoz o desejo que elle tinha e toda a lei::, da minha submissão para o quadro; mas o desejo dele era a principal porque, de combinação com o Fernandes Corba, ia passar-me o malleto... O Fernandes Corba, fôra, durante anos, o Ueu::; ele fôra substituí-lo; mas reconhece-se sem forças para a competência. De forma que, em conclusão, combináram subnegar-me a chefia da casa, confiados etc. etc. palavras amáveis.

— Logo ao novo...

E terminou por dizer que as proximas eleições falariam.

Depois, pedii licença, e fui abrir a sessão; e fiquei eu, o Vasconcelos e o Alcantara a discutir qual de nós deveria falar na sessão, em agradecimento.

Entretanto, o mestre:: de cerim::: veio chamar o Vasconcelos que pegou o poltrão, no seu rico frak preto, com pose de diplomata; depois, fui eu chamado e lá subnei no templ:: por sobre os JH:: em pé e á ordem e, depois dos cumprimentos do ritual, subi ao altar do Je:: Ueu:: e occupi a cadeira á direita que me foi indicada.

Depois, embrou o Alcantara que to-
mou o seu lugar nas columnas; e então o
Mest.: Van.: fez a discursata do costume,
referencias amaveis, cumprimentos de to-
dos, etc. etc. O Vasconcelos, poleme sempre,
lá teve de falar, agradecendo; e eu, a re-
quir, tive de dizer estas conceituosas e
substanciaosas palavras:

« — Meus Irs.: Pedi a palavra para
agradecer os amaveis cumprimentos do
Irs.: Van.: que, caramente, interpretam o
sentido de Loj.:; mas devo confessar que es-
te momento é para mim, não direi polé-
me, porque a frase é velha e estafada, mas
um momento de certa abstracção...

« Não sou orador, tenho me como em fa-
lar, uma certa dificuldade; tenho, por isso,
que resumir as minhas considerações num
agradecimento simples, mais muito peço
ro; e peço a todos os Irs.: que me deem
que também sempre consigo, pois me ve-
rão sempre trabalhar, e que sejam tão
meus amigos como eu sou por de todos.

« Quanto á minha orientação devo
dizer que sendo a principal linha do condu-
to de Mac.: o combate contra a reacção,
nesse combate encontrar-me-ão sem-
pre ao nosso lado de braços bem abertos;

mas, desde que, dentro das nossas fam-
 leiras esse combate tem de tomar um ca-
 minho de politica avancada, porque na poli-
 tica monarchica esta uma das bases de
 reacção religiosa; e se, por certas conside-
 rações sob Resp.: Lj.: entender que deve
 seguir por esse caminho, eu, como o mais
 proximo vos declaro, meus Jhs.: que irei pa-
 ra elle de braços ainda mais abertos.

«Devo dizer isto, porque alguns Jhs.: não
 me conhecem. Tenho dito.»

Sensação!

E vi que foi com agrado que me envi-
 ram. E até o Gandarez — convicto e in-
 genuo republicano! — arregalei os olhos!

E a pessoa ficou com a reprovação
 do prof.: Augusto Gonçalves e Silva (o co-
 nhecido Governador civil do Castelo-Vieiras)
 para entrar na Maç.:. Veio a saber-se que
 era espião mandado pelo José Miranda, ca-
 cique regenerador da terra.

Depois de encerrados os Urab.:. houve
 os abraços do estubo e eu tive a satisfação
 de ser abraçado por todos com mostras de
 jubereza e simpatia.

Coimbra — 14 de Dezembro.

Fui hoje á 1.ª sessão ordinaria da Lj.:

e na verdade gostei porque vi nas colu-
nas 32 colun.: — o que é um pouco raro
em Lloj.: raras; .: E é de notar que a gen-
te é, na verdade, boa.

Iniciaram-se dois comícios, repa-
res republicanos; e o Gloro Henrique fo-
lou acerca de uma comissão para que foi elei-
to com outros Jrs.: de Lj.: para, conjun-
tamente com representantes dos Lloj.: ir-
regulares, combaterem os meios de ime-
diata e eficazmente combaterem a reac-
ção que toma, na verdade, um grande im-
pimento.

E é curioso que ho meses se fizeram
as nomeações dos representantes e sómen-
te os de Lj.: Portugal tem feito alguma cou-
ra: Os das outras... dizem que não es-
tão para grandes causas...

Coimbra — 22 de Dezemb.º

Ontem, entre pessoas regulares, concor-
rida e agitada.

Trota-se do combate contra a reacção,
dizem-se cousas varias, chegaram a haver
discursos. Gostei.

E ficou resolvido que os dois Jrs.: que
foram comissionados para com as outras
Lloj.: assestarem as bases da campanha, fi-
zassem sembrar nessa comissão as vontades.

des dos Tr.: que falarem; e, segundo as resoluções que tomassem, nós, depois, nos manifestaríamos.

Gozei. Vi movimento, vi vontade. Não achei o ambiente embaguado das suas Lhoj.: nem o espirito de carreirada que é vulgar. Vi resoluções e in dependência.

Eu ocupei, nesta sessão, a cadeira de Orador; e bive tomando apontamentos para no fim, conforme as regras, fazer meus resumos de ordem e propor o que ficou assente; mas o Vel.:, antes de me dar a palavra, resumiu tudo e ... tá! propõe o que eu queria propor!

Fiquei com o discurso engasgado.

Fica para a outra vez.

No fim da sessão, falando com o Vel.: acerca duma conversação que tive ha dias com o Fernandes Costa sobre a união das tres Lhoj.: irregulares do val.: por meus dizeu corpo dirigente, ficou assente que amanhã nos reuniríamos no Templo.: eu, o Vel.: e o Floro e o Fernandes Costa para assentarmos numa base que se deve apresentar na proxima sessão.

Ora, como já aqui disse, o Machado familiar, ficou com a sua admissão adiada porque os da Pro-Veritate lhe chamaram

bebado... O Floro, para não levantar sus-
cepções pediu-me para não falar no
assunto e eu resolvi hoje procurar o Macha-
do.

Expuz-lhe o caso a mim e fiz um discurs-
so. Disse-lhe que eu ficaria por ele, perante
a Loja: mas...

O homem comoveu-se. Gerbicular e
disse por fim que já tinha protestado não
teriar a beber e não mais beberia... E en-
tão, depois que eu falei assim...

E parece-me que ficou resolvido o pro-
blema. O Machado entra para a Loja: e dei-
xa de beber vinho.

Foi uma dupla conquista: para o S.:
Atq.: do Univ.: e para a Sociedade de Tem-
perança...

Coimbra — 23 de dezembro

Reunimos, efectivamente, no Templo:
da Loja: eu, o Ven.: e o 1.º Vigil.:. O Fernan-
des Costa e o Floro não apareceram.

Lemos o regulamento e juremos spon-
tando, riscando, lembrando; houve conver-
sa acerca de factos que tivessem relação a o
Ven.: contou-me algumas causas interes-
santes da Loja: entre ellas a accusação que
se ia fazer a um Ir.: que, pertencendo ao
Grande Republicano se tinha matriculado

clandestinamente no cérebro regenerador.
 Não se lê tudo; na 2.^a feira continua
 a leitura.

Coimbra — 29 de dezemb.^o

Ora bem houve sessão sem importância,
 mas parece-me que o Machado está
 em máus laços.

Os da Pro-Veritate chamam-lhe bebado...
 E os da Lj.: não querem lá o homem com
 medo (e com certa razão) de que o vinho o
 faça revelar segredos.

E eu é que me vejo embalado.

1909.

Lisboa — 9 de janeiro.

Vive hoje de mandar para Coimbra a
 seguinte franch.: porque o Machado está
 muito é proposto no próximo dia 11.

n.º 165

A' Gl.: do S.: A.: do U.:

L.: E.: F.:

Pod.: e Resp.: J.: Ser.:

Na impossibilidade de estar presente
 á sessão da nossa Resp.: Lj.: , por este meio

nenho fazer valer as novas Ids.: que estejam presentes aquilo que, de viva voz, deseja-se dizer acerca da proposta de filiação no novo Dir. do Sr. Francisco Machado.

Com esse Sr. trabalhei na Loj.: Pro. Veritate durante tempos e, fora dos Trab.: tenho conservado as melhores relações com ele; e quer do tempo do Trab.: mesmo; quer das relações profanas, dele só posso dizer que poucos Ids.: tenho conhecido que trabalhem com tanto amor e tanta dedicação; que, como caracter minha tive occasião de o pôr em duvida; e que os serviços que a Loj.: Pro. Veritate lhe ficou devendo não se molde a q. só lhe agradeça e se reconheça devedora.

O Sr. Machado é um operario, um modesto operario; mas dentro da sua modesta posição tem o valor de todos os honrados e trabalhadores e que a peris e com dedicação se entregam ao trabalho tantas vezes ineficazes de fazer valer as novas ideias e mereças de justiça e liberdade.

Hereditai meus, Pod.: e Resp.: Id.: Ver.: que estas minhas palavras não são uma simples formula sabérica; os Ids.: que me conhecem sabem que sou incapaz de me referir assim a um Sr. desde que o não considere digno de tais referencias.

Acceitai, Id.: e Resp.: Id.: o abr.: frat.: e

e que o Super. Arqut. do Univ. no aj. e il.

Tras. em Ley. oc. aos 9 de janeiro de 1909 (e. v.)

(4) Nun'Alvares, C. D. †

Coimbra — 15 de fevereiro

Final, apesar da minha franchi. anterior, o Rouven, o Machado, foi discutido mas muito maltratado.

A accusação de bobagem pulcriste e no proprio [] de Ley. ha quem o tenha visto a Tombar...

E esta?

Só a mim...

E' hoje a votação dele. Seja como for, o caso é licudo. O Un. membro dia, falando-me em particular disse-me que achava o problema intrincado e perguntou-me como se havia de resolver. Eu declarei que não sabia...

E na verdade não sei.

Veremos hoje o que diz a votação. Por ela se fará obra e por ela ficará tudo resolvido.

Hoje, na sessão, receberai o seguinte documento no paco das propositões e que não deixes de ser curioso:

N.º 166.

N.º Gl.: do S.: N.: do U.:
L.: E.: F.:

CC.: e RR.: JH.:

Tendo-me sido pedida, uma informa-
ção acerca do mesmo Sr.: irregular Dr. Luis
de Silva Rosette, professo nesta Resp.: Lj.:
eu julgo do meu dever dizer que não tenho
nesse Sr.: a confiança necessaria para ser
admitido no mesmo quadro.

Este Sr.: pertenceu á Resp.: Lj.: Acade-
mia Livre e até exclusivamente compo-
sta de elementos revolucionarios e nela tra-
balhou até que o seu genio violento o fez
ter uma queda, em relação, com o Sen.:
de que resultou este ser insultado e ele
sair violentamente do Templo: pelo que se
instaurou um processo. Depois, tendo-se
formado em medicina, filiou-se no parti-
do progressista, pelo qual muitos annos tra-
balhou com afan, chegando a pedir votos
nas proximidades das igrejas nos dias das
eleições como é do dominio publico; e du-
rante o tempo em que militou neste parti-
do, esquecendo os templos revolucionarios
do Lj.: Academia Livre procurou desviar

alguem seus contemporâneos ou discípulos das suas ideias democráticas, facto este que se não é publico e notorio e do conhecimento de bastantes gente de Coimbra.

Causo clinico, tem abuzado de sua profissão para fins muito perigosos, utilisando-a como arma politica e eleitoral.

Estes factos, não são só, bb.: e dd.: JJs.: sabidos por mim; são conhecidos por numerosas pessoas e alguns são, como deves saber, do dominio publico. Julgo-me pois, no dever, de vos declarar isto.

Acceite, bb.: e dd.: JJs.: o sr.: frab.: e que o S.: N.: do U.: vos aj.: e il.:

Tras.: em ty.: oc.: aos 15 de fevereiro de 1909 (e.: v.:)

(*) Machado.

Coimbra — 16 de fev.º

O Machado, afinal, ainda sequer não foi votado. Falta um documento...

Diabo!...

Mais documentos :

Nº 167

Proposta :

Atendendo a que é de maior urgencia e de maior necessidade a instalação definitiva do Ven.º Cons.º para regularização da nossa accção liberal ;

Atendendo a que os JJs.º delegados das quatro lloj.º autonomas poucas vezes se reúnem e deliberam por falta de numero ;

Atendendo a que se assim se continuarem tudo redundará em manifesto prejuizo para o fim que temos em vista ;

Atendendo a que os nossos thab.º não podem estar prejudicados exclusivamente aos serviços profanos de cada um ;

A lloj.º Parbucal propõe ao Ven.º Cons.º em inst.º para que faça substituir os JJs.º que pelos seus serviços e obrigações prof.º

não possam comparecer com a devida assiduidade.

Bras.: seu Typ.: oc.: a 23 de dezembro de 1909 (c.: vi.)

(c) Nussbaumer
B.: D.: F

N.º 168

Coimbra — S. c. em Montes-Claros, 3-
março — 1910.

Meu caro amigo:

Tenho estado de cama com influenza, motivo por que hoje não posso comparecer à sessão. É bastante pesar não ir pois desejaria estar presente para a votação dum tal Minanda "comerciante na Praça do Comercio que, de maneira alguma, nos pôde servir!

Faço-lhe pois esta comunicação para q. combinando-se o amigo com algum dos nossos, ele possa ser rejeitado.

Ha um outro figurão nas mesmas condições: "Mario Pais Martins dos Santos, que é um refinadissimo talasse e capoz

(1) Ernesto Marcias de Minanda.

de nos compararmos se tanto fôr do agrado
do deus irmão dele, um tal Augusto Pais
de Belas, haueu cheio de rancoras contra
os Republicanos.

Não sei se este tambem é votado hoje;
á cabêla, vai o aviso.

Ueu abritre que me lembra: para me-
lhor tratar-se em primeiro lugar da vota-
ção dos que são muito poucos e deixar a dos
outros para o fim, não vão os profonau-
tes combinar-se e deitarem esfera justa
nos que são bons!

Vaja lá isso.

Leia como poder, pois é de comia que
he escreue o que é — muito seu amigo

— (a) J. A. Pereira de Vasconcelos.

N.º 169

D' Gl.: da Hum.:

V.: J.: L.:

O G.: Sr.: Parbiquês em Coimbra

D' Resp.: Lj.: Cap.: Parbiquês neste val.:

bb.: e TR.: Jh.:

Levamos ao vesso conhecimento que
neste Val.: bons.: se discutiu se era o per

Uma recusa na obediência do Gr.: Orj. Lusitano Unido e, pseudo, quais as condições.

Este Ven.: Caus.: pronunciou-se por que, em principio, era oportuno, e estabeleceu as seguintes condições:

1.º - Que aquelle Or.: , do modo que quizer mas por meio de um ou mais Hs.: bastante graduados, se entenda commo, infermando-se rigorosamente dos motivos por que nos separámos;

2.º - Que afrescamente se nosa consideração os quadros das Hs.: Lij.: que neste momento, neste val.: estejam sob a sua obediência para que possamos selecciona-los segundo criterio nosso;

3.º - Que aquelle Or.: se incumbesse na expulsão do peio da Mac.: Parb.: de todos os oob.: reacionarios que nela trabalharem;

4.º - Que sejam reconhecidos os mmas.: que hajam sido por nós iniciados depois de nossa separação, bem como mambidos os qgr.: por nós conferidos;

5.º - Que se mantenham as dignidades por nós eleitas com representação immediata na Gr.: Diab.:

6.º - Que segundo a Constituição se crie neste val.: a Lij.: Regional.

Ob.: e Hs.: Hs.: : foram estas as con-